

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: LEITÃO DE CARVALHO, ERICO DUTRA e NILO VAL

N.º 105

Rio de Janeiro, Abril e Maio de 1922

Anno IX

## PARTE EDITORIAL

Uma lição da experiencia.

**A** Manobra de Quadro de Exercito, realizada no Rio Grande do Sul como encerramento aos trabalhos lectivos da Escola de Estado Maior, constituiu, sem duvida alguma, o mais relevante exercicio desse genero praticado em nosso Exercito, dando logar a uma proveitosa experiencia, colhida pelos commandos superiores e seus estados maiores no proprio terreno das operações.

Concebida nos moldes das idéas modernas, visando oferecer ao commando e aos seus órgãos auxiliares uma operação de grande estylo, onde se jogasse com os fortes effectivos que á guerra proporciona o regimen da conscripção, sua execução fez sentir, aos que nella tomaram parte, as sérias difficuldades que se antepõem á coordenação dos esforços, no tempo e no espaço, duma importante massa de tropas, principalmente em terrenos accidentados, como os do centro riograndense, onde falam á nossa memoria paginas gloriosas de nossa historia colonial.

Os ensinamentos que esse grande exercicio proporcionou aos nossos officiaes, fazendo-os viver no ambiente de uma situação de guerra, onde a verosimilhança das operações, planejadas no escalão superior do commando, se accentuava

atravez os tramites seguidos pelas ordens, indicam a necessidade, que ha para o Exercito, de realizarmos todos os annos um desses grandes exercicios de quadros, — a melhor escola que podemos offerrecer aos nossos officiaes de estado maior e, em particular, aos nossos generaes, para se familiarizarem com a doutrina de guerra que anima os nossos regulamentos, applicando-a a casos concretos, estudados no terreno, sob as exigencias prementes do tempo, mas sem os precalços enervantes provocados pela presença da tropa...

De facto, nenhum estudo de gabinete pôde ser comparado ao labor praticado por essa activissima colmeia, que era o Estado Maior do Exercito, sempre antecipado aos acontecimentos, em suas previsões de toda especie, transmittindo, através de seus órgãos constitutivos, o pensamento do commando em chefe ás grandes unidades e aos serviços. São deveres intransferiveis, que têm de ser cumpridos, á semelhança do que se passa na guerra, em tempo improrogavel, ao contrario do que succede no gabinete com os estudos individuaes, onde as difficuldades podem ser adiadas, ou mesmo contornadas, sem o receio de se repercutirem, notoriamente, em mais sérios embaraços, que vão estorvar a acção dos executantes...

Num escalão immediatamente inferior, as Divisões desenvolviam seu trabalho em um campo mais restricto, mas não menos fecundo. Com seus estados maiores constituidos, deslocando-se no terreno segundo os eixos que lhes foram indica-

dos; localizados os seus quartéis generaes e postos de commando nos pontos, aconselhados pelas condições topographicas e tacticas, onde teriam sido de facto estabelecidos numa operação real de guerra, ellas tinham de cumprir suas missões num ambiente de perfeita verosimilhança, baseando a execução dos pensamentos do commando em chefe num judicioso estudo directo do terreno, factor que nunca é demasiado encarecer, pois proporciona quasi sempre extranhas surpresas, especialmente entre nós, que não dispomos senão de cartas muito imperfeitas, e mostra quanto os estudos de gabinete estão longé de resolver as difficuldades com que se tropeça no campo.

Noutra ordem de actividade, prevenido os supprimentos de toda a especie, necessarios á realização das operações planejadas pelo Estado Maior, a Direcção de Etapas, em connexão com os serviços do Exercito, desdobrava sua acção num trabalho meticuloso de completa exatidão, sem o qual faltariam aos combatentes, no momento opportuno, os recursos necessarios á vida e á lucta, desmoronando-se o edificio estrategico, por falta de alicerces.

Foi, sobretudo, nesse ramo importantissimo dos trabalhos, que a experiencia colhida mais se avolumou, pois se tornou manifesta a defficiencia dos meios de communicação, que ligam a linha do Jacuhy á região da «campanha» riograndense, para a satisfação das necessidades militares, e o máo estado dos caminhos existentes, que difficultaram sobremodo o movimento dos trens das Divisões, apesar de extremamente reduzidos.

Não deve ficar perdida essa lição das manobras: é um dever de patriotismo, que incumbe ás auctoridades militares, pôr o governo ao corrente da situação precaria das vias de communicação nessa importantissima zona do Rio Grande do Sul, interessando na solução do problema

o Congresso Federal e o governo do Estado, de fôrma a se chegar, no mais breve prazo possivel, á construcção dos ramaes ferreos, cuja imperiosa necessidade foi posta de manifesto no decorrer da manobra, e á abertura de novas estradas de rodagem e melhoramento dos caminhos actuaes, que, se podem servir longinquamente a fins militares, prestarão desde logo inestimavel auxilio a toda a zona comprehendida entre o Jacuhy e o Camaquan, arrancando ao isolamento estancias e cidades, que se tornarão em breve tempo felizes e prosperas.

Mas, uma severa lição, decorrente da Manobra de Quadro do Rio Grande do Sul, cuja experiencia devemos recolher a todo o transe, é a da má organização material do exercicio, que deu logar a tantas contrariedades, perfeitamente evitaveis, numa operação projectada com tamanha antecedencia e para cuja execução se dispunha, em grande parte, do material sufficiente; *o que faltou, pois, foi organização.*

Não é nosso intento fazer censuras irritantes, senão assignalar o máo funcionamento de um serviço, que, se é trabalhoso e exige previdencia, nem por isso está acima das nossas forças, motivo por que intencionalmente não desemos ás minucias, apontando apenas uma falha que é preciso corrigir, mas que não ha mister de nella repisar.

Não é só com os ensinios profissionaes oriundos da Missão Francesa que alcançaremos a normalidade desses serviços: precisamos de nós mesmos, da nossa compenetração no desempenho dos deveres que nos incumbem, praticados com desvelo e satisfação...

---

**Art. 7.º dos Estatutos.** — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

## “A Defeza Nacional”

Esta Revista, durante toda a sua existencia, timbrou sempre em regular a sua publicação pela mais rigorosa pontualidade.

Fundada e mantida por um grupo de officiaes, que della não auferem nenhum lucro, vive do Exercito e para o Exercito: é um órgão exclusivamente profissional, onde encontram franca divulgação os pensamentos dos que se dedicam ao aperfeiçoamento das nossas instituições armadas, do ponto de vista de sua preparação para a guerra.

Dispondo, como dispõe, de toda a dedicação de seus mantenedores, que se esforçam em proseguir na tarefa que se impuzeram, a despeito das difficuldades materiaes que a alta excessiva dos preços creou á vida dos órgãos de publicidade, — ella necessita, para continuar a apparecer pontualmente, como revista mensal, da collaboração dos que estudam e desejam repartir com os camaradas os fructos de seu trabalho e de seu saber. Sem essa collaboração, não é possível cumprir, regularmente, os compromissos contrahidos perante os assignantes de “A Defeza Nacional”.

O atrazo com que têm sahido os ultimos numeros deve-se, em grande parte, á escassez de originaes. Appelamos, por isso, para os que julgam de utilidade a existencia da Revista, afim de que nos enviem collaboração propria ou traducção, ficando a data e apparecimento dos numeros dependendó da materia a publicar. Os assignantes terão direito, porém, ao numero de exemplares correspondente ás suas assignaturas.

## O ensino militar entre nós e a Escola Militar

A situação creada pelos ultimos regulamentos que têm regido nossa Escola Militar vae sendo, graças a Deus, comprehendida por todos, em vista dos resultados produzidos. Já, hoje, é corrente o clamor contra o espirito que presidio á organização do ensino militar reinante n'aquelle instituto.

Não é nosso intuito, alinhavando estes conceitos, ferir a quem haja collaborado nos referidos regulamentos e muito menos atacar a conducta dos que, na Escola Militar, têm maior ou menor parcella de responsabilidade em sua execução. Não nos assiste igualmente o direito de negar bôa fé e patriotismo entre aquelles, e de visar *desidia ou inapidão* entre os ultimos; certamente todos só têm tido por mira a elevada e nobre intenção de attingir os objectivos visados do melhor modo possível.

Uns e koutros, entretanto, reflectindo sobre as condições em que concluem os alumnos ali seus diversos cursos, hão de concordar comnosco.

De facto, a preparação militar para o 1.º posto, tal como está sendo actualmente feita na Escola Militar, é precaria: não satisfaz, nem ás exigencias professionaes nem aos interesses individuaes dos novos officiaes.

Da primeira insufficiencia são a prova irrefutavel as difficuldades e embaraços com que na tropa vão lutar os neophytos, em geral; insufficiencias estas constatadas não só por elles mesmos (os primeiros a soffrer-lhes os males), como por seus camaradas mais antigos e superiores.

E' por outro lado, um testemunho relevado ao vivo das segundas, a diminuição gradativa e desoladora dos concurrentes á matricula, de anno para anno.

Estes dous aspectos só da questão bastam, a nosso vêr, para pôr em evidencia toda a importancia do assumpto, cuja solução, por isso, não pode ser protelada, sob pena de graves damnos no seio dos quadros, primeiro, e no funcionamento dos mais importantes serviços do Exercito, depois.

Antes de apontarmos, em linhas geraes, a maneira como entendemos de solver a crise em questão, volvamos nossas vistas rapidamente para o passado, remontando, na synthese, ás causas determinantes.

O Regulamento de ensino de 98 representa, não ha duvida, a ultima etapa da marcha que vinha fazendo o ensino militar entre nós, em cuja ordem preponderava illogicamente a preparação scientifica, que é preliminar, sobre a professional, que deve ser o fim a attingir. O resultado desse regimen era, como todos sabemos, o *bacharelismo militar*, chamado, que caracterisava essa curiosa e sin-

gular anomalia de produzir a Escola Militar de então excellentes diplomados em sciencias e conhecimentos civis...

O que se lhe seguiu, porém, isto é, o Regt.º de 1905, injustamente chamado de *alfaja*, fôra elaborado no cuidadoso proposito de sanar o mal organico em que aberrava seu antecedente.

Pode dizer-se, de antemão, que taes propositos não só foram bem conseguidos como estabeleceram a melhor harmonia que conhecemos entre os estudos que constituem propriamente a preparação básica e os que se referem immediatamente á profissão.

Si esta constituição de ensino, na pratica não se houve, *in totum*, como fôra de desejar, não se pode, de outro lado, obscurecer que seus resultados foram os melhores d'entre quantos regulamentos até hoje se tem tentado no Brazil.

E si a pratica deste regimen não resultou mais lisonjeira ainda, isso se deve: em 1.º lugar, á tolerancia com que se houve o magisterio de então, principalmente nas Escolas do Sul (de Guerra e Applicação), em relação não só aos officiaes sem curso que a ellas acorreram, em grande copia, seduzidos pelas restricções da parte scientifica preliminar, como ás ultimas turmas, ditas de liquidação; em segundo, á natural deficiencia profissional, em geral, dos *instructores* nomeados de momento.

Este ultimo accidente representa um factor transitorio quasi inevitavel naquelle tempo.

O Regulamento em questão, de facto, vinha abrir novos horisontes ao ensino profissional propriamente dito, apoz o regimen tradicional da cultura scientifica, quasi exclusiva. Era natural, portanto, que não dispuzessemos, por isso mesmo que não as haviamos preparado, de capacidades profissionaes nas condições de promover o verdadeiro surto da cultura profissional. E' possivel mesmo que poucos, entre os instructores nomeados então, tivessem comprehendido o espirito, o alcance visado pela nova lei e as graves responsabilidades decorrentes.

Seja como fôr, porém, o primeiro impulso salutar, no sentido do campo profissional, fôra dado com coragem e decisão. Restava apenas persistir na sabia orientação, removendo os obices constataados no curso de sua pratica.

Entre os obices mais importantes deparava-se-nos, nitidamente:

- a) um melhor seleccionamento para os instructores das differentes especialidades;
- b) dotação do material indispensavel á aprendizagem pratica respectiva.

Não se fez, infelizmente, nem uma nem outra cousa, quando novamente se cuidou de melhorar o ensino militar.

O de que se cogitou, desde logo, desgraçadamente, foi de refundir, desde os alicerces, um edificio que, aperfeiçoado e melhor dotado, ficaria, com muita probabilidade, nas melhores condições possiveis de preencher seus fins.

Como attestado bem patente do que acabamos de affirmar, ahi estão ainda, disseminados pelo Exercito, já pela tropa, já em varios misteres militares de responsabilidade, as turmas successivas de officiaes formados sob a egide desse regulamento, demonstrando, em toda a parte, com a relativa capacidade profissional e geral que adquiriram e puderam aperfeiçoar a excellencia do regimen academico por que passaram.

Mas era preciso reformar o regulamento...

Melhor fôra, sem duvida, que se cuidasse, antes de mais nada, de averiguar as causas de suas falhas, para, depois, com propriedade, promover, consequentemente, não a refusão completa do programma de ensino, cujos resultados geraes tão notorios quão promissores se haviam revelado, mas os reparos indispensaveis á consecução de seus objectivos.

Não sabemos o criterio seguido por aquelles que se deram á tarefa. O que é certo é que o plano de ensino de 905 foi revogado em bloco, para dar logar a uma organização completamente nova...

O mal de que, provavelmente, o inquiraram não lhe era intrinseco, não vinha d'elle, que tanto bem nos fizera quanto em si cabia, mas de seu bom entendimento, de sua fiel execução, dos recursos, principalmente dos recursos materiaes que sempre lhe falleceram e sem os quaes seria milagre o d'elle exigir-se melhor produção.

Parece, a julgar pelas restricções ainda maiores do ensino theorico do novo regulamento, que se estava então a attribuir os prejuizos de nossa incapacidade militar á cultura scientifica...

Si assim foi, é caso para lamentos sinceros e amargos.

Sempre fomos dos que se vêm batendo, ha longos annos, pela cultura profissional, não só no Exercito como na Marinha Nacionaes.

As formosas tradições da Praia Vermelha e da antiga Escola Naval, onde uma pleiade brilhante de professores, cujos nomes até hoje recordamos cheios de respeito e veneração, cultivava com amôr sciencias phisicas e mathematicas, sciencias sociaes e philosophia, por mais respeitaveis que fossem não podiam prevalecer, como é facil comprehender, desde que se assentára, em dado momento, e com muita opportunidade, tratar seriamente da preparação professional da Defesa Nacional.

Tinhamos, não ha duvida, por um lado, de reduzir de muito aquella bagagem intellectual, no minimo como preparação do 1.º posto, e, de outro, incluir nos programmas de ensino o que era essencial, fundamental, isto é, o conjunto das disciplinas militares em seu duplo aspecto theorico e pratico.

Mas isso como um decurso da necessidade de formar soldados, antes de tudo, e não porque lhes fosse porventura prejudicial a illustração, principalmente a referente ás sciencias exactas, sociaes e philosophicas.

A razão principal entendia com a angustia do tempo, permittindo a harmonia necessaria entre a preparação theorica e a professional. Estabelecida esta como basica, na formação do programma, áquella, á theorica, devêra dar-se todo o desenvolvimento possivel, compativel com o tempo disponivel.

O raciocinio é, como se vê, exactamente o opposto do que por ahi, ainda hoje, faz praça e, não raro, ouvimos com tristeza: «*a theoria... o quantum satis* para o entendimento da pratica e dos regulamentos!»

Não ha de ser, de certo, com essa myose doutrinaria que se ha de alargar os horisontes professionaes de nosso Exercito, nem della derivarão, segundo cremos, as mentalidades em condições, já de analysar livremente uma situação tactica, ou desempenhar-se com consciencia e proveito dos variadissimos e complexos encargos de que se reveste a actividade militar.

No excellente trabalho que acaba de publicar o General Serrigny — «Reflexões sobre a arte da Guerra» — tratando da preparação do official e dos chefes em geral, consoante as meticulosas observações que fez durante a grande conflagração, o notavel cabo de guerra affirma cathegoricamente a necessidade do official moderno possuir um espirito largamente desenvolvido, assim nas sciencias que servem propriamente de alicerce á preparação professional, como nos conhecimentos geraes de sociologia, economia politica e philosophia.

E' por essa fôrma que o espirito militar adquire não só capacidade para resolver seguramente, quando se lhe defrontem, todas as questões que dependem daquelles conhecimentos, como a indispensavel gymnastica intellectual para o exame e discussão racionaes de quanto exija de si uma decisão certa, positiva e clara.

Uma das qualidades mais fecundas do official e que ha de primar, cada vez mais, sobre todas as outras, é a *clareza de seu pensamento, a logica e firmeza de suas conclusões.*

As observações do General Serrigny decorrem do character com que se nos deparou a mais recente guerra. De facto, nas campanhas de outr'ora, os exercitos eram apenas órgãos que as Nações exponenciavam para o ataque ou para a defesa: ellas limitavam-se a abastecer os em quanto fosse indispensavel ao desempenho da missão mas permaneciam, até certo ponto, alheias ás asperezas do conflicto.

Hoje, porém, a guerra não é mais simplesmente aquella choque de exercitos: mas uma complexa e formidavel luta visceral de Nações. A' retaguarda dos exercitos todas as forças vivas do Paiz convergem para a luta e, por tal maneira se enlaçam com as de vante, que é difficil assignalar-se com segurança os limites divisores entre a actividade bellica propriamente dita e a do interior.

Ora, a utilização militar maxima de todas as actividades nacionaes, que se desenvolveram durante a paz com outros fins, como é natural, exige do Exercito, isto é, de seus chefes, de seus officiaes, como preliminar, a elaboração de verdadeiros planos de utilização e mobilisação dessas energias, tendo em vis-

ta não só a manutenção da vida nacional como a da guerra.

D'ahi as necessidades de que nos fala o illustre general francez.

E' preciso que não percámos de vista, revendo a historia militar, que os maiores cabos de guerra de todos os tempos foram espiritos de grande cultura geral.

Segundo narra Plutarcho, pôde avaliar-se o apreço em que Alexandre Magno tinha a Illiada, o immortal poema de Homéro, pela riqueza singular do cofre em que a encerrava. Esse famoso cofre fazia parte dos sumptuosos thesouros apprehendidos a Dario, após a batalha de Issus. Logo que o trouxeram, o grande monarcha, maravilhado pela belleza e valor artistico do objecto, não achou reliquia mais digna de ser ahi guardada do que a epopeia do maior genio poetico da antiga Grecia. Elle foi, effectivamente, antes de tudo, um grande pensador, educado, primeiro por Leonidas e, depois, pelo genio de Aristoteles, que lhe incutiu o grande espirito philosophico de que era dotado.

Não se concebe, de resto, que justamente agora que a guerra vem se delineando com a complexidade assignalada, seja possivel executal-a com exito por officiaes e chefes que se hajam despreoccupado dos variadissimos aspectos de que se reveste.

A cultura tactica e estrategica são os conhecimentos immediatos indispensaveis á vibração do choque final; mas é preciso não nos esquecermos de que o exito dessa formidavel collisão decorre, antes de tudo, de sua meticulosa preparação anterior. Trabalho todo de previsão e de organização que só pôde ser elaborado por quem haja estudado, primeiro de modo geral e depois applicativo todos os departamentos da actividade nacional, seus rendimentos, suas possibilidades e utilização guerreira.

(Continúa)

Sylvio Scheleder  
Capitão.

Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

## O serviço de estado maior em uma Divisão de Infantaria e em um Corpo de Exercito

(Conferencia realisada pelo general C. Litzmann no Circulo Militar de Buenos Ayres — Trad. de N. V.).

«Depois da guerra mundial, com um desgraçado fim para nós, a Entente exigio especialmente que se dissolvesse o Estado-Maior Allemão.

Por que? Por ser elle considerado, com razão, a melhor arma de que dispunha o nosso Exercito.

As forças espirituaes são sempre as mais valiosas; só com o seu auxilio se poderão tornar efficaes as materiaes, ao dar a estas a direcção e fórma mais convenientes.

O elevado prestigio do estado-maior prussiano data de 3 de Julho de 1866, isto é, da batalha de Königgratz ou Sadowa. A brilhante capacidade de seu chefe, o general von Moltke, se revelou ahi de prompto ao mundo inteiro.

Um reflexo de sua gloria se estendeu sobre todo o organismo do Estado-Maior.

A guerra franco-allema de 1870-71 augmentou a gloria de Moltke e do Estado-Maior prussiano allemão; basta citar um nome: Sedan.

Mas nunca nosso Estado-Maior pensou em descançar sobre seus laureis, e muito menos depois de seus grandes exitos de 1870-71. A linha directriz de sua vida continuou sendo o trabalho, o trabalho incançavel, com o elevado sentimento do dever, afim de assegurar o exito em guerras futuras.

Com essa orientação, funcionou durante vinte annos o Estado-Maior, sob a direcção de seu proficiente chefe, o general conde von Schlieffen.

Que a guerra mundial se haja perdido, a culpa não foi sua, pois que o Estado-Maior contribuiu muito efficaesmente para que nos pudessemos sustentar durante 4 annos contra um mundo em armas.

No proprio Exercito, o Estado-Maior tinha um grande prestigio. Sua capacidade era apreciada e se via com satisfação que occupava elle uma posição adequada ás tropas.

«O official de Estado-Maior existe para as tropas e não estas para elle» — era uma phrase continuamente empregada no Estado-Maior. Mais ainda do que isso; era um principio director, segundo o qual se agia na paz e na guerra.

Não havia em nosso Estado-Maior um retrahimento, como succedia em Estados-Maiores de alguns outros exercitos.

A maioria de nossos officiaes de Estado-Maior considerava mais estimuladora, alegre e formosa, a vida nas tropas do que no serviço do Estado-Maior. Para os que tinham o verdadeiro sentimento de soldado, não poderia ser de outro modo.

Pondo de parte a guerra, que constitue para nós, officiaes, o objecto de nossa vida profissional, os annos mais gratos de minha larga carreira são aquelles em que fui commandante de companhia, chefe de regimento e comman-

dante de divisão e não aquelles em que pertence ao Grande Estado-Maior ou ao Estado-Maior de uma divisão ou corpo de Exercito.

E' certo que estes ultimos postos apresentavam seus attractivos, especialmente por offerecerem a oportunidade de ampliar o horizonte militar, bem como pela importante responsabilidade decorrente delles. Em ambos os sentidos, nosso Estado-Maior foi a melhor escola preparatoria do futuro chefe superior de tropas. Nelle se aprendia o emprego mais conveniente das grandes unidades e se exercitava o amor á responsabilidade.

Nunca fui official de Estado-Maior em campanha. Em 1870-71 era demasiado joven, em 1914-18 demasiado velho para isso.

Mas, como inspector de etapas, commandante de divisão e de corpo de exercito e por fim como chefe de um grupo de exercitos, convivi e trabalhei durante 4 annos com meus officiaes de Estado-Maior.

Por tal motivo, creio poder formular um juizo sobre a capacidade delles. Creio estar em condições de apreciar exactamente o que produziram, bem como dizer se nossos Estados-Maiors estavam organizados convenientemente.

Nas divisões de infantaria não o estavam no principio da guerra.

No exercito austro-hungaro, cujo Estado-Maior em geral desempenhava *exteriormente* um papel maior que o nosso, se reflectiu isto já no numero de officiaes de Estado-Maior. As divisões de infantaria austriaca dispunham de dois officiaes de Estado-Maior, dos quaes o mais graduado era o *chefe*. A divisão de infantaria alemã, em compensação, em campanha só dispunha de um, mesmo no caso de operar independentemente e ser provida de todas as armas auxiliares, parques e comboios.

Nesta situação se achava minha 3.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria da Guarda quando, em principios de Novembro de 1914, foi separada do Corpo de Reserva da Guarda, passando ao exercito de Mackensen para tomar parte na campanha contra Lodz.

Incumbia ao unico official de Estado-Maior tudo quanto se relacionava com o serviço de Estado-Maior, isto é, questões de organização, marchas e transportes, alojamento e reunião das tropas, comunicações de retaguarda, projectar as ordens de combate, interrogatorio de prisioneiros e tudo quanto fosse referente a informações sobre o inimigo, partes e informações á auctoridade superior, comunicações ás tropas visinhas, o diario de guerra, etc., devendo, além disso, dar as bases para seus trabalhos ao ajudante, ao intendente e ao cirurgião da Divisão, e, por ultimo, expôr a situação ao commandante desta.

Isso se tornou em pouco uma tarefa excessiva, que não podia ser satisfeita por um só official, por mais preparado e activo que elle fosse.

Afim de que não ficasse exgotado pelo excesso de serviço, pudesse dispôr do descanso nocturno necessario e mantivesse para os dias de combate a capacidade de trabalho e o vigor espirital necessario, fez-se participar do serviço de Estado-Maior um official de ordens intelligente; tambem quasi sempre ditei pessoalmente, em fórma definitiva, as ordens de divisão, em

vez de exigir que se me apresentassem os projectos dellas.

Mas estas eram soluções de urgencia, que não satisfaziam ao estado normal, o que levou posteriormente, no desenvolvimento da guerra, a destinar-se tambem entre nós um segundo official de Estado-Maior ás divisões de infantaria.

Esta modificação está relacionada com a que se havia produzido na função da divisão e do corpo de exercito no organismo geral e de que me occuparei durante alguns minutos, posto que pareça á primeira vista não pertencer ao thema de minha conferencia.

Em 1870, os batalhões, esquadrões e baterias eram considerados como «unidades taticas» e o corpo de exercito como «unidade estrategica», e se comprehende que nessa época se pudessem considerar como unidades taticas fracções de uma só arma, tendo-se presente que então não havia o criterio da estreitissima cooperação das armas, como se dá no presente.

As unidades actuavam mais umas ao lado das outras ou umas depois das outras do que simultaneamente, em intima cooperação, e por isso não se exigia que os officiaes dispuzessem de um conhecimento profundo de outras armas, bastando que bem conhecessem as suas.

Esta condição se modificou fundamentalmente na guerra mundial.

A cavallaria apeou, luctando nas trincheiras e combatendo a pé em terrenos cobertos e montanhas, como a infantaria, com a qual se fundio no trabalho commum.

Constituia feliz excepção a cavallaria poder apparecer montada, quer na perseguição do inimigo em retirada, quer como vanguarda de um exercito em um theatro de operações recem-aberto, como na Rumania em 1916.

Desde muito havia um claro criterio sobre a cooperação e a absoluta dependencia mutua entre a infantaria e a artilharia.

Fazem justamente 20 annos que fui nomeado commandante de divisão e então já exigia de meus officiaes de artilharia que estivessem presentes como espectadores aos exercicios de combate e inspecções das grandes unidades de infantaria, sempre que o serviço de suas unidades o permitisse.

Já naquella época eu era partidario das frequentes passagens em comissão de officiaes de uma arma para outra para prestarem serviços effectivos.

As experiencias da guerra me induziram a dar um importante passo a mais nesse sentido. Em primeiro logar, propunha para a organização de paz a fusão da artilharia leve e pesada do exercito de campanha. Em segundo logar, opinava que nenhum official de artilharia fosse chefe de grupo antes de haver commandado, com responsabilidade, pelo menos durante 1 anno, uma bateria ou companhia de infantaria, respectivamente, e que, antes de poder ser nomeado chefe de regimento na propria arma, devia commandar um grupo ou batalhão, conforme o caso.

Essas exigencias, as póde satisfazer perfectamente todo official intelligente e dedicado plenamente ás suas obrigações; e os que não possuem taes caracteristicos, segundo minha opinião,

não devem occupar absolutamente os altos postos. Nossa profissão é demasiado séria para proceder-se de outro modo.

A estreita união das armas, imposta pela guerra moderna, fez com que se considerasse desde então como *unidade tactica* aquella que pela primeira vez foi composta por tropas de todas as armas, isto é, a *divisão*. O exercito veio a ser a *unidade strategica*.

Ambas as modificações correspondiam ao enorme crescimento dos exercitos de campanha; a escala tinha vindo assim a tornar-se completamente distincta.

A *divisão* de infantaria foi tornada mais independente pela assignalicação de armas especiaes, parques e trens.

Organizou-se-a como um pequeno corpo de exercito e recebeu ella, então, um segundo official de Estado-Maior.

O corpo de exercito perdeu na guerra mundial sua anterior importancia dominante.

O «general-commandante» tinha sido nas guerras anteriores e na época de paz até 1914 uma personalidade de alto prestigio. A todo momento poderia dirigir-se pessoalmente ao commandante do Exercito, o Imperador, e não raras vezes fazia frente ao ministro da guerra e ao chefe do Estado-Maior.

Imprimia o cunho de sua personalidade a todo o corpo de exercito, que era empregado em campanha de uma maneira unitaria, isto é, exactamente como *unidade strategica*.

Tinha sua historia e podia manter viva a lembrança de suas façanhas proprias, o que estava ligado ao orgulho particularista de nossas provincias.

Falava-se do corpo de exercito de Brandeburg (III), do paiz Rhenano (VIII), de Westphalia (VII), etc. Cada um delles tinha seus dias de gloria proprios, sendo orgulhosos disso.

Isto se modificou profundamente na guerra mundial.

O corpo de exercito, demasiado grande para ser unidade tactica, tornou-se demasiado pequeno para ser a strategica, e teve por isso de ser sacrificado, infelizmente, ante as novas condições da guerra de massas.

Tanto é assim que durante o tempo em que existio o Corpo de Exercito de Reserva XL, nunca o conduzi como uma unidade constituida.

Na batalha de inverno em frente a Kowno, como sabeis, tive ás minhas ordens, ao mesmo tempo, outras unidades, que com elle formaram um grupo de lucta.

Na batalha de Nyemen commandava 5 divisões de infantaria e 2 de cavallaria, e depois, em Julho de 1916, se ordenou que a ultima das minhas proprias duas divisões, que tantas provas deram de seu valor, fosse transportada para o theatro occidental, onde se necessitava de boas tropas.

Havia terminado sua existencia meu Corpo de Exercito de Reserva XL, que, não obstante alcançar apenas meio anno, era glorioso; continuando a subsistir unicamente o Commando Geral, que continuaria possuindo, ao passar a prestar serviços a um exercito aliado ao nosso durante um anno e meio, o titulo de «Corpo de Exercito de Reserva XL», tão temido pelos russos.

Mas igual destino tiveram todos os Commandos Geraes, isto é, os commandos de corpos de exercito.

Conservaram o numero do velho corpo mesmo quando este titulo deixou de existir, passando a ser o orgão de mando de um grupo de exercito.

Tal grupo de exercito era formado por divisões de infantaria, de reserva ou guarda nacional, em numero variavel, segundo o exigisse a situação de momento.

O «grupo» era uma organização de aspecto muito variavel, especialmente na frente occi-dental.

As vezes se compunha de divisões aptas para a lucta offensiva, capazes e promptas para realisarem os mais difficeis ataques; outras, de divisões cançadas, que necessitavam de um restabelecimento material e moral.

Era exclusivamente um orgão intermediario entre a unidade strategica, isto é, o exercito, e a unidade tactica, a divisão.

A situação de «General-Commandante» havia deixado de ser tão especialmente convidativa.

Como commandante de um grupo de exercitos na frente occidental, em 1918, muitas vezes desejei que voltasse os dias do anno de 1914, em que fui commandante de divisão na frente oriental, tanto mais quando já não tive occasião de participar a oeste de uma das grandes operações offensivas.

Mas a organização do Commando Geral, salvo alguns aggregados modernos, continuava sendo, entretanto, a inicial, amoldada á repartição de funcões existentes em tempo de paz.

Do chefe de Estado-Maior dependiam as secções I a IV:

Secção I — Estado-Maior, com as subsecções I-a e I-c.

Secção II — Ajudancia, com subsecções II-a e II-b.

Secção III — Auditor da Guerra.

Subsecção IV-a — Intendente de corpo.

» VI-b — Cirurgião de corpo.

» VI-c — Veterinario de corpo.

A isso se aggregava: 1 chefe de artilharia pesada, 1 commandante de engenheiros, 1 commandante das tropas de communicações e o chefe do serviço de correios.

O thema da conferencia se refere especialmente á I secção — «Estado-Maior»; mas, em consequencia da importancia particular, quero mencionar que o official II-a estava encarregado de todos os assumptos pessoais dos officiaes e o II-b da substituição do pessoal da tropa, cavallos e materiaes de guerra.

O Estado-Maior de um Commando Geral se compunha, além do chefe, de tres e ás vezes quatro officiaes.

Incumbia ao chefe do Estado-Maior determinar a cada um sua missão.

Em essencia, correspondia ao:

I-a — todos os assumptos de organização, bem como operativos e tacticos; o official I-a sendo, além disso, o substituto do chefe do Estado-Maior no caso de ausencia ou impossibilidade;

I-b — communicações de retaguarda, reaprovisionamento de munições;

I-c — serviço de informações, cartas, diario de guerra.



O chefe do Estado-Maior abria toda a correspondência dirigida ao Commando Geral, menos a dirigida pessoalmente ao General Commandante; registrava a anotação de entrada e o numero da secção a que incumbia o assumpto.

Se eram varias as secções interessadas, se fazia figurar as iniciaes de cada uma dellas, pondo em ultimo logar a da secção a que competia.

Os officiaes de serviço iniciavam, então, o desempenho de sua missão; os officiaes de Estado-Maior mais sobrecarregados sendo auxiliados por um dos tres ou quatro officiaes de ordens existentes.

Em regra geral, diariamente ao meio-dia realisava-se a apresentação ao chefe do Estado-Maior, que assignava os trabalhos concluidos que podiam ser por elle subscriptos, com a indicação: «pelo Commando Geral».

Quanto aos que, por sua especial importancia, tinham de ser assignados pelo General Commandante, eram elles apresentados pelo chefe do Estado-Maior.

Duas vezes por semana tinha logar uma reunião presidida pelo General Commandante, a ellas assistindo normalmente os officiaes do Estado-Maior e de ordens.

Os demais, no geral, só o faziam quando tinham de fazer alguma exposição.

Assim, o chefe (major ou tenente-coronel) da artilharia pesada, durante a guerra de posição na frente occidental, apresentava semanalmente uma descrição, illustrada com croquis, sobre o desenvolvimento da lucta de artilharia.

Bem presente em minha memoria está a penosa apreciação feita em Julho de 1918 por elle: «Os inglezes estão empenhando frente a nós, desde muitas semanas, uma artilharia em geral tres vezes superior á que é quintupla em peças pesadas; as baterias que figuram em vermelho no croquis não podem absolutamente ser alcançadas pelas nossas, porque nosso melhor material foi concentrado na frente de ataque».

E que vantagem obtêm disso os inglezes? perguntei eu. «Não dão um passo adeante, pois apesar de sua superioridade não se atrevem a atacar-nos. Novamente os factores moraes são os decisivos».

O Commandante de engenheiros informava, segundo as circumstancias, sobre a organização defensiva de nossas posições, bem como sobre as do inimigo, sobre as destruições que soffriam constantemente nossas trincheiras por causa da artilharia pesada ingleza.

Mas as tres divisões que se achavam na frente sabiam o que lhes competia fazer: toda pausa de fogo devia empregar-se para reparar-as, visto como não se podia pensar em evacual-as.

O intendente devia informar regularmente sobre as questões de alimentação, fardamento e equipamento. O mesmo não succedia com o auditor de guerra, o cirurgião de corpo e o veterinario. Em principio, os assumptos em que intervinha a justiça militar eram resolvidos com rapidez; exigia apenas que uma vez ao menos por mez se me apresentasse um quadro exacto do estado sanitario dos homens e cavallos do meu grupo de exercitos.

Assim, muito tranquilla e uniforme, transcorria a vida do Commando Geral durante a guerra de posição, sem que por isso deixassemos de ter trabalho sufficiente.

Meu trabalho principal era fóra do quartel-general, nas posições de combate da infantaria e artilharia, nos campos de exercicios das divisões que se achavam em 2.ª linha, bem como nas visitas aos meus feridos nos hospitaes. Minha preocupação preferida era manter relação pessoal com a tropa, estar constantemente informado de suas necessidades, suas dôres, seu estado d'alma, influido quanto possivel neste, para elevá-lo ao mais alto gráo.

Ludendorff escreveu em suas memorias de guerra que eu tinha «um grande ascendente sobre meus soldados». Creio que effectivamente era assim, e sou de opinião que todo chefe pôde alcançar essa feliz e grata satisfação, se tiver coração para seus soldados e preocupar-se com elles, pondo de parte sua propria comodidade.

E' natural que tambem me preocupasse que a instrucção das divisões que se achavam nas chamadas posições de descanso fosse de accôrdo com as experiencias praticas da guerra mundial, que variavam continuamente.

No territorio nacional não se estava absolutamente em condições de satisfazer essa exigencia.

Frequentemente, realisamos exercicios de combate em grande escala atrás da frente, se bem que de vez em quando molestados por aviadores inimigos.

Em todas as minhas saídas já acompanhado por um official do Commando Geral, Adeante se incorporava o respectivo commandante de divisão ou chefe de regimento.

Devia evitar que me acompanhasse um maior numero de pessoas nas trincheiras de atiradores, afim de não attrahir o fogo inimigo sobre as tropas que se achassem adeante.

Mas eu desejava que os officiaes do Commando Geral, especialmente os do Estado-Maior, se mostrassem frequentemente á frente, e por isso se distribuíram todos os officiaes na frente do meu grupo, assignando a cada um um sector determinado da primeira posição, que deveriam percorrer uma vez por semana e sobre os quaes deviam estar perfectamente informados a todos os momentos. Além da organização defensiva, deviam preocupar-se da alimentação, vestuario, etc., da tropa.

Em um exercito alliado ao nosso, conheci os graves prejuizos que resultam fatalmente quando o Estado-Maior se dedica exclusivamente ao trabalho de gabinete e não se preocupa com a tropa.

A consequencia inevitavel é um distanciamento reciproco, que, tratando-se de pessoas de caracter aspero ou não sufficientemente maduro, pôde transformar-se de uma parte em entrave e de outra em odio.

Só quando o official de Estado-Maior tem coração para a tropa, sabe dar conta de seu sentimento e possui sua confiança é que poderá desempenhar de modo integral sua missão.

No mesmo exercito conheci tambem um commandante de divisão que vivia entregue ao trabalho de gabinete e que, segundo dizia, não tinha tempo para visitar suas tropas.

Como eu era seu superior, consegui contribuir para que elle se convencesse de que era muito mais importante, e ao mesmo tempo muito mais bonito, permanecer em estreito contacto espirital com suas tropas, falar constantemente

com seus soldados e fital-os de frente, do que estar sempre sentado á mesa de trabalho, ao lado do tinteiro e do telephone.

E, quando elle se convenceu disso, tornou-se-me profundamente reconhecido.

Os generaes não devem estar, em caso algum, nos logares de trabalho de seus subordinados.

Tanto na paz como na guerra, só uma vez pisava em seus alojamentos: para certificar-me se o pessoal dispunha de commodidades para trabalhar.

Os gabinetes pertencem á jurisdicção do chefe do Estado-Maior, em pequenas proporções á do ajudante.

O general quasi sempre encommodará, se se encontrar nos locaes em que devem trabalhar seus subordinados.

Chego agora a um ponto de grande importancia: deve-se exigir dos subordinados — como tambem de si proprio — um trabalho applicado e, em caso de necessidade, intensissimo; mas não se lhes deve molestar inutilmente, seja durante o trabalho, ou seja á refeição ou ao sono. Considero positivamente uma insensatez que nas situações criticas da guerra *todos* os officiaes, escreventes e ordenanças fiquem velando durante noites inteiras, como vi uma vez em um commando geral de exercito alliado ao nosso, e que me estava subordinado.

Notei que a maior parte dos individuos estavam a bocejar; reinava um espirito pesado, de tristeza, e finalmente nada fez em realidade quando a situação exigio proceder resolutamente.

O chefe de Estado-Maior deve velar para que, mediante uma conveniente repartição do trabalho e uma opportuna substituição, se mantenham vigorosas as forças de seus officiaes, escreventes, telegraphistas, etc.

No theatro de guerra oriental faltavam frequentemente as commodidades para alojar convenientemente um quartel-general de certa categoria. Durante as difficeis luctas em frente a Lyck, na batalha de inverno de Masuria, nosso Commando Geral buscou abrigo contra o frio rigoroso em uma deficiente habitação de campo. Na maior peça descansavam durante a noite 7 officiaes, uns ao lado dos outros, dormindo sobre o sólo coberto com um pouco de palha; só o chefe do Estado-Maior dispunha de uma pobre cama. No compartimento visinho dormia eu só, separado unicamente por uma porta de vidros quebrados, do telephone, onde se achava o official de serviço.

O ruido incessante produzido pela recepção das partes e ordens, assim como perguntas pedecentes das divisões que luctavam adiante, e do Commando do Exercito situado á nossa retaguarda, chegava até mim, atrapalhando o sono.

Durante o dia, a peça grande servia de gabinete de trabalho e sala de refeição para todos.

Estas condições são desfavoraveis para um trabalho proveitoso e para a conservação de nervos sãos.

Quanto possivel, deve-se destinar uma peça especial ao chefe do Estado-Maior e a cada secção do Commando Geral.

O chefe do Estado-Maior precisa, particularmente, de commodidade para o trabalho. Tem

elle o labôr intellectual mais importante e am-plo, que se transforma em acção desde que o General Commandante tome decisivamente a resolução.

Principalmente durante as batalhas, é preciso deixar em tranquillidade o chefe do Estado-Maior. Elle recebe todas as partes provenientes da frente da lucta, as revisa, separa as importantes das que apenas têm um valôr secundario e providencia para que se aclarem devidamente as partes importantes quando originem duvidas ou sejam incompletas.

Assim se vae formando promptamente por si mesmo um quadro o mais exacto possivel da situação do momento. Teria commettido um grave erro se tivesse perturbado meu chefe de Estado-Maior nesse trabalho, perguntando-lhe, por exemplo, que noticias tinham chegado, ou, mais ainda, se me tivesse sentado junto a elle, perto do telephone, como vi fazerem generaes de um exercito alliado ao nosso.

Meu chefe de Estado-Maior sabia perfeitamente que não estava auctorisado a tomar por sua propria conta disposição alguma relativa ao desdobrar da lucta. A auctoridade de mando estava firmemente em minhas mãos, salvo quando, por excepção, como a 17 de Agosto de manhã em frente a Kowno, o dotasse de plenos poderes especiaes, afim de que me substituisse passageiramente.

Assim, pois, quando o quadro de batalha apresentava uma mudança, isto é, quando se impunha ou era conveniente a intervenção do commandante general, se me apresentava então o meu chefe de Estado-Maior, expondo-me em fórma breve e clara a situação, utilizando para isso sua carta em que estavam representadas as tropas com tinta lavavel, terminando a exposição com uma proposição bem precisa, que eu approvava ou modificava immediatamente.

Dessa fórma se podia transmittir, sem perda de tempo, a ordem pelo telephone.

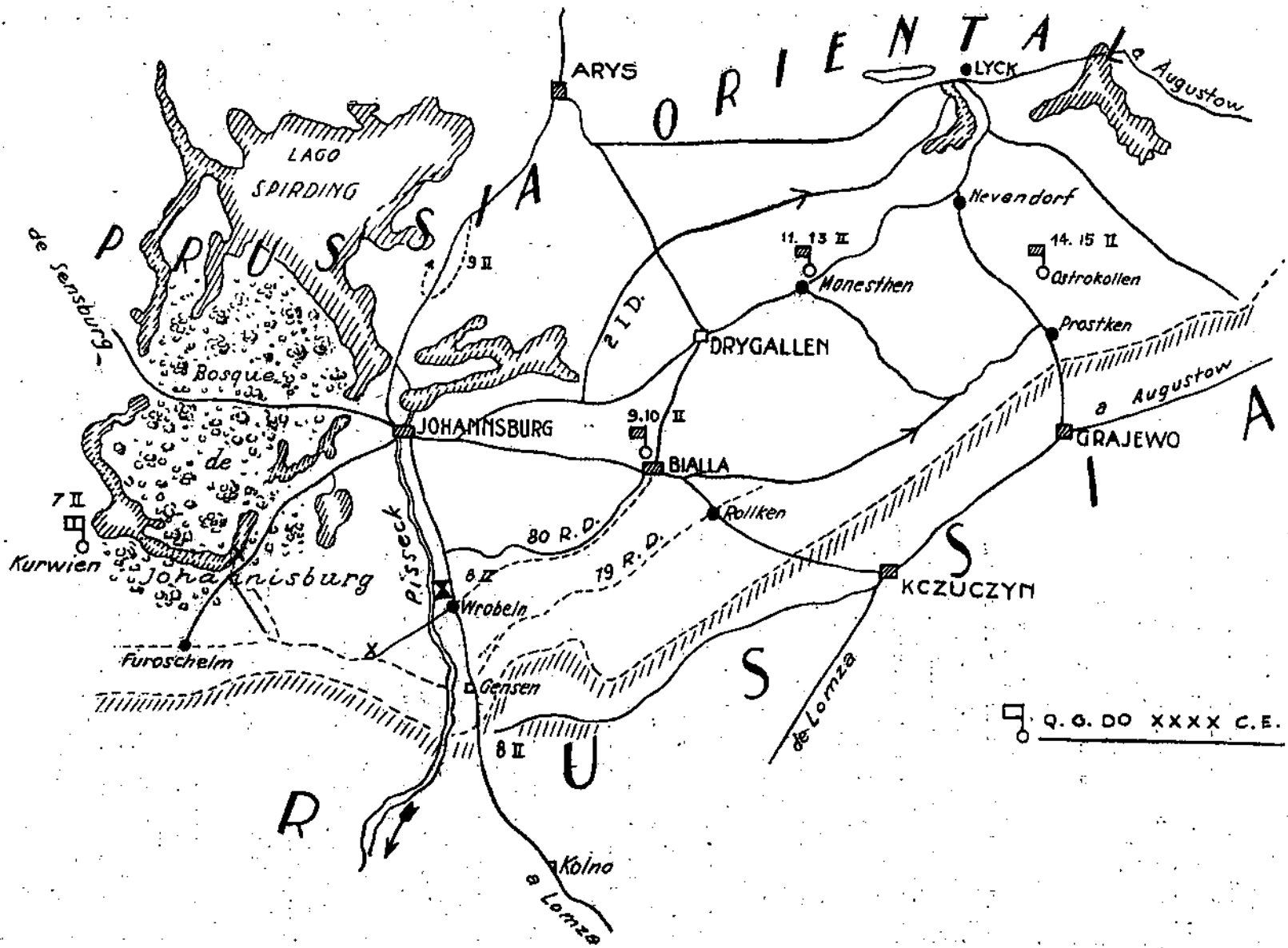
Essa conducta se empregava frequentemente -- o Corpo de Exercito de Reserva XL teve 128 dias de lucta em 1 1/2 annos, afóra numerosos pequenos combates parciaes -- e sempre teve resultado excellente. Mas isso exige que o chefe do Estado-Maior possua uma capacidade excepcional e um tacto seguro, assim como que o general commandante possua uma absoluta confiança em seu chefe e uma grande dóse de desprendimento pessoal.

Durante a guerra soffri por vezes fome e nos quatro invernos soffri conheci sufficientemente os rigores do frio; tive de realizar grandes esforços corporaes, principalmente nos Karpatos.

Mas nada me foi mais difficil do que a *paciencia* com que devia esperar, durante as batalhas, as informações do meu chefe do Estado-Maior.

Recorri a um arbitrio raro para attenuar os periodos de espera, que frequentemente duravam mais de uma hora.

Não podia ler nem escrever, pois me faltava a tranquillidade necessaria, mas eu esboçava o que se me apresentava á vista: seja a habitação polaca destruida, em que se achava o nosso Commando, seja uma antiga igreja russa de madeira, visinha, seja um grupo de prisioneiros, etc.



A DEFEZA NACIONAL

Tal actividade, até certo ponto creadora, combinada com uma grande affeição ao esboço, era o melhor recurso para mitigar minha impaciencia.

E é assim que se produziu o facto assombroso de meu diario de guerra pessoal, precisamente nos dias em que meu corpo luctava nãis seriamente, apresentar uma mais ampla colleccão de esboços diversos.

Nas divisões, a cousa era differente. Ahi a frente de lucta era muito mais reduzida; estava-se a mais curta distancia do inimigo e sempre dentro do alcance de seu fogo de artilharia; além disso, como já disse, de quando em vez devia desempenhar as funcções de um primeiro official de Estado-Maior.

\*

Tentarei agora relatar a vida em um Commando Geral durante um dia de operação offensiva, com a esperanza de apresentar-vos algo de interessante.

Tratarei dos primeiros dias da batalha de inverno em Masuria, cujo desenrolar, em linhas geraes, já vos é conhecido.

A ordem da tarde de 6 de Fevereiro para o dia seguinte continha, como sempre, noticias sobre o inimigo e assignalava a propria intencção, que era franquear o rio Pisseck. Prescrevia a direccção do avanço ás tres divisões e — para assegurar sua cooperação — a hora em que devia ser cruzada por suas testas uma linha perpendicular á direccção de marcha.

Tinham-se dado as directivas necessarias para a exploração e a protecção de flanco, deixando-se a cargo das divisões regularerem os movimentos dos escalões de combate e das bagagens maiores.

O commandante geral tomou as medidas necessarias e referentes ao resto do 1.º e 2.º escalões de parque e trens.

Finalmente, indicou-se onde se encontraria o Commando Geral, que seguiria na linha de avanço da divisão central (Divisão de Reserva 30.ª), avançando por saltos de um cruzamento de caminhos a outro.

A companhia de telephonistas recebeu ordem de ir estendendo os fios ao longo dessa linha.

As partes que as divisões deviam enviar ao anoitecer foram transmittidas opportunamente por telephone e não referiam novidades de importancia. Apesar disso, o major I-a teve de redigir uma breve parte para o Commando do Exercito, a qual, depois da approvação do chefe do Estado-Maior, foi transmittida telephonicamente pelo official de ordens de serviço.

O Commando Geral estava dividido em 2 escalões: o 1.º, que avançava com o General Commandante, se compunha do Estado-Maior, da ajudancia e do cirurgião do corpo; o 2.º, formado pelas secções e subsecções restantes do Commando Geral, devia aguardar em seus alojamentos o desenrolar dos combates proximos.

Para o avanço do dia seguinte, devido aos caminhos profundamente nevados, se tinha ordenado preparar cavallos de sella e de tiro, e bem que os automoveis devessem tentar seguir igualmente.

O official de serviço durante a noite — como tal prestavam serviço por escala todos os officiaes do Commando Geral, excepto o chefe do Estado-Maior e o major I-a — permanecia

junto ao telephone; todos os demais descansavam.

As partes da madrugada de 7 de Fevereiro enviadas pelas divisões não trouxeram novidades de importancia; mas se procedeu para com ellas como se fizera na noite anterior.

Entretanto, o General Commandante tinha montado. Queria saudar a maior parte possivel das tropas da divisão do centro durante o avanço.

O chefe do Estado-Maior, os majores I-a e II-a, e capitão I-c, 2 officiaes de ordens e 1 pelotão de estafetas, bem como o cirurgião do corpo, o acompanhavam.

O capitão I-b tinha ficado provisoriamente no alojamento. Esperava partes referentes aos parques e trens, a ver se haviam pudido pôr-se em marcha, como se ordenára, e, além disso, tinha recebido instrucções para receber e transmittir se necessario, para adiante, por estafetas, as ordens ao chefe do Estado-Maior. Devia permanecer alli até que a communicação telephonica chegasse ao primeiro ponto de parada do Commando Geral. Só então seria chamado a incorporar-se.

O capitão II-b e um official de ordens foram destacados, cada um com alguns estafetas, como officiaes de ligação ás duas divisões das alas, depois de receberem as instrucções do chefe do Estado-Maior.

O General Commandante percorreu 15 kilometros, em andadura viva, através do bosque de Johannesburg, apezar da neve chegar ás vezes até os encontros do cavallo.

Tinha alcançado successivamente um grande numero de companhias e baterias; saudou-as, alegrando-se com o seu porte, com os rostos risonhos e a contestação cheia de vida. Mas via-se que a marcha era fatigante, por causa da profunda neve. Então, apeou o General no primeiro ponto de parada projectado, em um cruzamento de caminhos.

O major I-a proseguiu com alguns estafetas para estabelecer a união com o commando da Divisão de Reserva 80.ª e informar, a partir dahi.

A primeira parte da frente foi remettida por elle, que communicou que a passagem do rio Pisseck, em Wrobeln, estava occupada pelo inimigo e que a ponte nesse ponto tinha sido destruida. A divisão queria atacar Wrobeln e pontos situados mais ao norte, mas necessitava ainda varias horas antes de poder iniciar a operação.

Ao cair da noite receberam-se partes das alas. A Divisão de Reserva 79.ª, devido ao accumulo de neve, só conseguira avançar com muita lentidão, e se sentia ameaçada em seu flanco sul, julgando necessario demorar até o dia seguinte o forçamento do passo do Pisseck.

A 2.ª Divisão de Infantaria tinha atacado a povoação de Snopken e queria atacar no dia seguinte a cidade de Johannesburg, solidamente fortificada.

O desejo do General Commandante de transpôr no dia o Pisseck tornou-se inexequível. Foi uma desillusão.

Ordenou elle que no dia seguinte, ás 7 horas, se renovasse o ataque em toda a frente, salvo nas partes em que se tivesse obtido um completo exito.

Todos os preparativos -- reconhecimentos das posições inimigas, escolha dos pontos de passagem, lançamento de pontes, preparo da artilharia deviam realizar-se na escuridão.

O Commando Geral regressou ao seu antigo alojamento para alli passar a noite, pois as poucas povoações situadas no bosque e que não haviam sido incendiadas pelos russos eram absolutamente indispensaveis para as proprias tropas. E' que reinava um frio glacial.

O General Commandante queria achar-se na manhã seguinte a oeste do Pisseck, de modo que se continuou a estender os fios telephonicos.

Já alta noite, no alojamento, o General Commandante fez o intendente do corpo expôr a situação da alimentação. A parte da noite, que havia sido redigida pessoalmente pelo chefe do Estado-Maior, por causa de seu penoso conteúdo, foi transmittida opportunamente ao Commando do Exercito.

Às 2 horas da manhã, chegou, muito retardada, a parte da Divisão de Reserva 80.<sup>a</sup>, que communicava que havia conseguido de noite passar o Pisseck com sua vanguarda, o que foi transmittido immediatamente ao Commando do Exercito.

Às 6 h. m. o General Commandante se transportou em automovel para a frente, com seu pessoal, por um caminho reconhecido no dia anterior e considerado utilisavel.

Os automoveis ficaram atolados na neve, começando então uma fatigante marcha a pé, que terminou com a chegada de recursos que se adeantaram.

No novo posto de commando, a oeste do Pisseck, o capitão I-c, que fôra para ali já durante a noite, conseguira obter as seguintes noticias: a Divisão de Reserva 79.<sup>a</sup> havia avançado tropas até a margem do Pisseck, mas vacillava em continuar a operação, pois temia ataques de flanco desde o sul, a oeste e leste desse rio. A Divisão de Reserva 80.<sup>a</sup> estava realizando a passagem em Wrobeln; a 2.<sup>a</sup> D. I. se achava empenhada no difficil ataque a Jahannsburg, fortemente occupada.

Ahi não houve duvidas sobre o que se devia fazer. Poucas palavras trocadas entre o General e o chefe do Estado-Maior bastaram para estabelecer um accordo completo.

Resolveu-se: 1.<sup>o</sup> Enviar uma ordem immediata á D. R. 79.<sup>a</sup> para passar numerosas forças para o outro lado do Pisseck e conjurar o perigo que ameaçava ao sul com um ataque opportuno a leste do rio. Os escalões de combate e bagagens necessarios podiam ser adeantados, para sua segurança, pelo caminho do norte, sobre Wrobeln.

Devia-se continuar a marcha sobre Roltken (a suêste de Bialla), destacando um elemento de segurança para o flanco direito.

2.<sup>o</sup> Ordem á D. R. 80.<sup>a</sup> para enviar para a margem oriental do Pisseck, até o norte, um destacamento reforçado por peças pesadas para cercar os russos em Johannsburg e continuar a marcha com as tropas principaes para Bialla.

O Q. G. com o segundo escalão, inclusive, se transportou para Wrobeln, até onde se havia estendido a linha telephonica.

Ahi se dispunha tambem de uma campo de aterrissagem para os aeroplanos.

A exploração aerea sobre Grajewo -- Lyck foi iniciada por uma ordem especial á esquadrilla de aviões.

Emquanto o chefe do E. M. cuidava dessas providencias, o General Commandante apreciava da calçada nevada o desfilar da III Brigada de Cavallaria, com baterias a cavallo, que em seus alojamentos á retaguarda havia esperado a abertura das passagens do Pisseck, devendo avançar agora por Bialla em direcção a Lyck.

Os alojamentos occupados pelo Commando Geral em Wrobeln eram acanhados, mas offereciam protecção contra o rigoroso frio e tornavam possivel o trabalho do E. M.

Das divisões das alas empenhadas na lucta chegaram até á tarde numerosas partes, as ultimas falando da victoria, sendo resumidas de modo conveniente pelo major I-a para o Commando do Exercito.

O capitão I-b reunia dados das divisões sobre o consumo de munições para iniciar o reaprovisionamento, utilizando as existências do Commando Geral, e estudou com o intendente do corpo o ulterior adeantamento dos viveres disponiveis e a installação de um armazem de distribuição em Bialla.

O capitão I-c interrogava, com o auxilio de um interprete, os prisioneiros capturados pelas D. R. 79.<sup>a</sup> e 80.<sup>a</sup> e se preocupava com o que se fizera a esse respeito na 2.<sup>a</sup> D. I.

Interessavas-e, sobretudo, por conhecer em detalhe a ordem de batalha inimiga e a distribuição local das tropas, bem como o seu estado de espirito, condições de alimentação, etc.

Finalmente, trabalhava no diario de guerra.

O chefe do E. M., constantemente informado pelo official I-a sobre as partes que chegavam, aprofundava o estudo da carta.

Era preciso um juizo claro sobre a maneira de poder-se obter rapidamente o grande objectivo da operação: o cerco do X Exercito russo.

Os perigos e difficuldades que se podiam esperar, ameaças de flanco da linha fortificada do Bobr e do Narew no sul e do Arys no norte, caminhos profundamente nevados, e portanto, consideraveis tropeços para as communicações de ordens e informações e para os reaprovisionamentos, tudo isso não deveria afastar-nos do objectivo principal. Mas deviam ser levados em conta e attenuados da melhor forma, mediante disposições adequadas.

Quando o chefe do E. M., nas ultimas horas da tarde, chegou a formar seu juizo definitivo, solicitou ao General Commandante auctorisação para apresentar sua exposição.

Elle estava auctorisado a falar a qualquer hora do dia ou da noite com seu General, desde que o desenrolar das operações requeresse uma resolução. No caso presente, se tratava de uma ordem de operações (ordem do Corpo de Exercito) para o dia 9 de Fevereiro.

Podia começar com uma informação reconfortante para o espirito, a relativa ao exito das armas obtido no dia presente, os 3.600 prisioneiros, as 13 peças e 18 metralhadoras conquistadas e o ganho de terreno.

Mencionava-se que o Corpo de Reserva XL, reforçado, proseguiria no avanço, augmentando os esforços no sentido de cercar os russos.

As direcções de marcha estavam assignaladas de tal fórma que as forças principaes, D. R. 79.<sup>a</sup> e 80.<sup>a</sup> e III Brigada de Cavallaria, se empenhassem na ala do envolvimento (ala direita). Contra Lyck apenas devia avançar a 2.<sup>a</sup> D. I.

A D. R. 79.<sup>a</sup> devia garantir-se em seu flanco direito por destacamentos mixtos, bem como a 2.<sup>a</sup> D. I., transitoriamente, em seu flanco esquerdo, essa divisão devendo intensificar a exploração contra os caminhos que de Arys conduziam a léste.

Ao parque e trens, deviam-se dar instrucções especiaes, e o Q. G. se transportaria cedo, na manhã seguinte, para Bialla.

Havia 48 horas já que estávamos empenhados em nossa operação offensiva, e já nesse curto espaço de tempo se demonstrou a harmonia perfeita na maneira de pensar e de sentir existente em meu chefe de E. M. e eu.

Ambos estávamos igualmente compenetrados do legado de Moltke e da incaçavel theoria de Schlieffen: — o fundamental não é recalcar frontalmente o inimigo, mas sim envolvê-lo e aniquilá-lo.

Mas o envolvimento deve-se procurar em fórma operativa, isto é, pelo avanço de longe e não nas barbas do inimigo por marchas de flanco.

Se se não pôde envolver uma posição inimiga muito extensa, bem apoiada em ambas as alas, e é necessario rompê-la, é preciso escalonar então novas reservas atrás da unidade que realisa a ruptura, que, uma vez obtida, permitirá ás reservas realizarem uma conversão para ambos os lados e arrojá-las sobre o flanco e as espaldas das forças inimigas, que de certo resistirão.

Dessa maneira também se chega a luctas de envolvimento e destruição.

Entretanto, a batalha de inverno pôde ser planejada por Hindenburg e Ludendorff como de duplo envolvimento, isto é, da fórma mais favoravel possível.

Nossa execução devia corresponder ao espirito que animava esse plano.

E' curioso que o Commando do X Exército, de quem dependia, haja aconselhado as seguintes direcções de marcha para o dia 7 de Fevereiro: 2.<sup>a</sup> D. I. sobre Arys, XL C. E. R. sobre Lyck e, o que é mais surpreendente ainda, que a 9.<sup>a</sup> recommendasse — na manhã de 10 de Fevereiro ataque com numerosas forças sobre Arys.

A idéa strategica do cerco ficaria sacrificada assim em beneficio de um possível exito tactico parcial.

Eram os mesmos êrros que em 1866 fizeram fracassar o plano de Moltke de cercar o adversario em Gitschin e depois em Königgratz.

O tenenté-côronel Mengelbier e eu não estávamos dispostos a repeti-los. Concordamos em que devíamos seguir nossa idéa, isto é, a de Hindenburg e Ludendorff, posto que guardando as apparencias de obediencia.

E' que previamos que os acontecimentos nos dariam razão e então nossa desobediencia ficaria sem castigo.

A grande responsabilidade que com prazer assumimos estabeleceu rapidamente um forte laço de mutua confiança, que se transformou em

amizade quando na noite do tormento de neve, de 10 para 11 de Fevereiro, tive a oportunidade de salvar a vida de meu chefe de E. M.

De accordo com seu desejo, se dirigio elle, na noite de 10, acompanhado do capitão conde Westarp (I-c), em automovel, de Bialla á D. R. 80.<sup>a</sup>, afim de assegurar a conducta adequada dessa unidade.

Recostei-me muito tarde, como nas tres noites anteriores, sem despir-me e, posto que demasiadamente cansado, não pude dormir.

Estava muito receioso de que Mongelbier não voltasse.

Ás 3 1/2 da manhã, dirigi-me ao telephone, mas não pude conseguir communicação com Drygalle, de onde eu esperava ter noticias delle.

Dirigi-me então á praça situada em frente, coberta de neve. Um furacão levantava nuvens de neve; o tempo causava horror.

Com difficuldade consegui mobilisar a essa hora anormal um trenó com bons cavallos, enviando-o provido de mantas para os pés, na direcção em que estava meu chefe de E. M.

Essa providencia pôde-se qualificar de uma verdadeira felicidade. O automovel tinha ficado atolado além de Drygallen em alta neve; ambos os officiaes se dirigiram a pé para Momethen, onde estava a D. R. 80.<sup>a</sup>; a meúdo, a neve lhes chegava aos peitos, obrigando-os a esforços inauditos para caminhar.

Na volta, a Divisão lhes facultou um trenó, mas este também ficou atolado, tendo elles de proseguir a pé, encontrando ainda o automovel immobilizado na neve. Continuaram, de noite, a marcha a pé, conseguindo após varias horas de novas fadigas, cruzar Drygallen, mas estavam completamente exhaustos e não podiam continuar.

Então chegou o trenó.

Esta occurrencia era serviço de E. M. pratico; por isso permitti-nos relatá-lo.

Só com uma conferencia pessoal com o Commandante da Divisão se levou a cabo a continuação da marcha na direcção desejada por nós, pois que o referido Commandante compartilhou da opinião do Commando do Exército.

Meu chefe de E. M. e eu tínhamos o mesmo conceito de honra e do dever. Elle se preocupava de todo o coração com o bem-estar da tropa, economisando suas forças sempre que era possível; mas, quando as circumstancias o exigiam; sabia propôr que se empenhassem sem consideração as tropas.

Era muito independente em suas opiniões, mas tinha grande tacto ao expô-las deante de mim.

Só uma vez se afastou dessa norma — quando propoz se concedesse uma alta condecoração a meu filho, que prestava serviços no Commando e a quem queria — o que recusei em consideração a officiaes muito mais antigos que estavam na frente.

Certamente este desvio não podia marear, logicamente, nossa amizade, que foi crescendo durante os 13 mezes que esteve a meu lado, até que a 6 de Fevereiro de 1916, egualmente a meu lado, encontrou a morte dos heróes.

Constitue para mim uma profunda satisfação intima levantar com minhas palavras no circulo dos camaradas argentinos, que hão de sympathisar com elle, um monumento a esse official de E. M. tão merecedor, e que sobressahio no mais alto grau».

# A canção militar

Alguns, contrafeitos; poucos, enfadados; raros, automaticamente; muitos, com decidida galhardia...

Assim, pelo menos, se nos afiguraram os soldados a primeira vez que os vimos marchar, cantando, pelas ruas da cidade. O inusitado do ambulante espectáculo còral, por inteiro ás avessas da dogmatica rotina do desfile mudo, não podia deixar de ferir forte especialmente os que, como nós, por experiencia propria, se identificaram com a «prestina» usança das marchas caladas, num silencio roçante pela lugubridade. Por isto mesmo, mal reposto da surpresa, do salto de pólo a pólo, já cogitamos, ali, á rua, antes da passagem das ultimas esquadras: — porque adoptar-se a canção militar?

A resposta adivinha-se facil, comportando, entretanto, algumas considerações complexas.

Nestes tempos em que tudo são esforços em pró da obra remodelante de nossas forças militares rejuvenescidas, ou, melhor, no empenho altamente civico de se construir, enfim, o retardado edificio da defesa nacional, predominou o esmero de se não espediçar minucia capaz de confluir para a perfeição possivel. Nos aprimorados Exercitos contemporaneos foi-se copiar o traço orientador no exemplario das sabias organizações contraprovadas por victoriosos treinos, e, por absurdo que pareça, lá se encontrou a canção como proficuo constituinte da saúde moral do soldado. Adoptamol-a. Nada mais razoavel. Não se trata, pois, de leviana innovação imaginada pelo exclusivo de amena valvula aos nossos problematicos dotes lyricos, — que mui longe andamos, como tantos povos, do canoro privilegio italiano, o qual abemola em gorgeio, com harmonias enlevadoras, qualquer trecho musical semsaborão.

Enristamos, sem duvida, com venerandas praxes tradicionaes, mas «a tradição é a negação do progresso», e ao Brasil urge assenhorear-se tambem, sob o ponto-de-vista militar, do nivel que

o emparceire ás nações mais cultas. Seria inverosimil tollice desattender á formidavel lição da actualidade europeá. O que, de preferencia, nos cabe vigiar neste assumpto, mais polychromo do que á prima face se descobre, é a maneira habil pela qual haveremos não se despetele nem murche, a flor de alegria que pretendemos enxertar na cepa morbida de nossa tristonha idiosyncrasia. Flor peregrina, toda aberta em hymnos, engrinalda e multicoloriza a phantasia de outras gentes de indole desannuviada e mais bem aparelhadas para aligeirar as agruras da vida. Devem ajardinal-a os yankees, sadios, jocundos, vagamente ingenuos por optimistas, «com alegria no temperamento», como observa Oliveira Lima; possuem-na os francezes, estribilhando a graça e a gracilidade gaulezas. A França é a patria da canção. Constante preocupação intellectual, ora diluida no sorridente frescor anacreontico, ora ao lamiré de claves mediocres, scirtilla em todas as modalidades: guerreira, epigrammatica, amorosa, ironica, aggressiva, revolucionaria. Com altibaixos na inspiração, quando original e subtil, ou quando escorralha de pifia lyra de tres cordas «o vinho, a grosseria e o chauvenismo», o incontestavel é que, notadamente das éras medievas para cá, vem crivada de irreverentes *couplets* historia illustre da França. Ha annos, em Pariz, realisaram-se publicas e encantadoras festas em seu louvor. A proposito Adolphe Brisson, em breve escorço, evocou a sonora legenda dessas «peças fugitivas» de tal arte á feição do genio da raça que Beaumarchais não hesitou em pôr á bocca de Brid'oisson, no «Casamento de Figaro», a conhecida synthese: «tout finit par des chaussons.»

Exactamente por ser assim exuberante, alhures, é que nos pôde inquietar o tenor pelo bom exito da tentativa acclamadora. Somos, por atavismo, um povo triste. Os elementos ethnicos que alicerçam a nossa nacionalidade foram, como é notorio, o portuguez, o indio e o negro. No diuturno eito de agonia, retalhado a chicote, sangrento e faminto, o escravo não tinha de certo hilariantes motivos de jubilo; o bugre era de natureza sorumbatico e seus cantos admiraveis apenas porque os redoizou o adamantino éstro do autor do «Ijuca-pira-

ma»; o portuguez, a despeito das dez mil guitarras que estalaram em Alcacer-kibir, emmudecidas pela derrota, já estava malferido dessa «tristeza profunda», instinctiva na multidão, consciente e raciocinada no escol social com que topou o professor Miguel Unanimo, ao percorrer terras luzas, tristezza que melancholiza «os nossos cantos populares, tão cheios de magua e de saudade», conforme corrobora Maria Amalia Vaz de Carvalho, ao commentar o livro desse universitario de Salamanca.

Não exaggeremos, porém, o receio de que se fane a ridente flor que cuidamos aclimatar. Se é verdade que sombria herança nos engastou nalma doloroso vinco, menos evidentes, sem grandes despezas de ethogenia, não são as causas que aos poucos vão differenciando o character nacional do typo oriundo do Brasil-colônia, principalmente ao sul, para onde mais volumosa reflue a corrente immigratoria.

Alem disso, propiciando o alfobre para o transplante, ha a ingenita valentia descomedida do soldado brasileiro: ao cheiro da polvora, ás bordas do perigo, deslumbradoramente se transfigura, sacode a inercia, apruma-se, vibra, e, desdenhoso da morte, despreocupadamente fatalista, marcha para o combate a palrar e a pilheriar, — consoante o retratou a penna insigne que insculpiu «Os Serções». E se até agora os nossos bravos não entoavam, a plenos pulmões, com o desgarrado costume, patrioticas canções marciaes, era porque ninguem lhas fazia, numa terra transbordante de poetas. Tem-nas hoje e, bem apuradas as contas, nem se pode dizer por idéas importadas: a semente de nossa canção militar lançou-a Camerino, na guerra paraguaya, quando se atirava á lucta cantando!

... E foi, talvez, na passagem de um compasso para outro, que fatidica bala poz, no pentagramma da canção do herói, o sinistro hiato de uma pausa eterna...

Euclides Bandeira  
Tte. Cel. da G. N.

## Cartas ineditas del Padre Maiz

### Eloquente lição

Por parecer-nos sobremodo surpreendente, abaixo transcrevemos um interessante artigo publicado a 1 de Março p. p. na 1.<sup>a</sup> pagina da Patria, órgão que circula diariamente na capital do Paraguay, e, para não lhe tirarmos o sabôr da propria lingua, respeitamos-lhe o original:

«Arroyos y Esteros, Abril 5, 1904,  
Señor don Juan E. O'Leary.

Asunción.

Distinguido compatriota y amigo:  
Retribuyo a Vd., con toda cordialidad, su atento saludo, y doile gracias sin cuenta por el envio del numero de «El Paiz», en que con feliz oportunidad, publica una contestación al general señor Leite de Castro, adelantando al señor Silvano Godoy a recoger el guante arrojado por aquel escritor brasileiro, con motivo del artículo *Aquidaban*, dado por este a luz, el 25 de Noviembre ultimo.

Huelga tener que decir a usted algo respecto a la forma y fondo de su contestación. Ella es contundente y de pleno convencimiento en el caso, como todo lo que sale de su bien cortada pluma, y se inspira en ese sentimiento tan puro de amor a la verdad historica, y de entusiasmo por las glorias patrias.

Difícil, sinó del todo imposible, es que pueda usted tener una réplica siquiera sea fantaseada, capaz de levantar sus afirmaciones, como que todas se basan en hechos contemporaneos de innegable realidad.

Me cupo, joven amigo estar en Cerro-Corá y presenciar y ser envuelto en aquel espantoso y luctuoso desenlace del drama sangriento de la inmolation de nuestra patria, y al leer hoy la ligera descripción que usted hace de lo que allá pasó, hace 34 años, de nuevo me siento profundamente emocionado.

La muerte del mariscal Lopez, tan heroica y sublime por su parte, como cobarde y barbaramente ejecutada por parte del general Camara!

Su sepultura al flor de tierra, sin acabarse de cubrir aquel cuerpo, exquisitamente destrozado y mutilado, expuesto así al salvaje ludibrio de la feroz soldadesca! Yo tuve que pasar, al par que otros prisioneros, por junto a aquel sepulcro, y lo miramos en silencio fatisbados como estabamos por los barbaros victoriosos! Cerca de allí estaba el que fuera encargado de abrir en esa forma la fosa: era el coronel Francisco Lino Cabriza, el que más favores y distinciones recibiera del Mariscal Lopez!

La muerte del vicepresidente Sanchez, anciano venerable que afrontó tambien el ataque de los enemigos, saliendo libre del diluvio de proyectiles, retiróse inermemente al lado de su carpa y allí sin más ni menos, fué primero baleado a boca de jarro y luego traspasado a lanza! Su cadáver, nadando en sangre, despojado hasta del vestido interior, quedó insepulto.



Después fué devorado por las llamas...

La muerte del coronel Aguiar: verdadero inválido desde el 24 de mayo, fué igualmente lancheado y en seguida crudamente degollado...

La muerte del capelán Candia: imposibilitado de marchar, fué entregado al incendio de un pajonal, donde con otros infelices prisioneros pereció horriblemente...

La muerte del invicto general Roa, que muerto ya el Mariscal Lopez, fué asafiado de sorpresa, sin previa participación de la terminación de la guerra, ni intimación alguna de deponer las armas: artillero imperterrito, montó sobre su cañon y allí recibió la muerte digna del héroe del 18 de julio en el sauce.

Su cuerpo fué todavía objeto de un salvaje ensañamiento de parte de sus victimarios; y recuerdo con penosa indignación que fué un jefe de la misma arma que el general Roa, quien se prestó para conducir al enemigo para aquel ocioso y lamentable asasinato!...

Y usted, señor O'Leary, hace mención de la muerte del coronel Delvalle, que ciertamente no llegó hasta Cerro-Corá: con otros valientes jefes paraguayos, dando fe a la palabra del invasor prepotente, que le garantizaba la vida, depuso su arma invencible; pero en seguida fué degollado con sus nobles compañeros, tal como usted refiere.

Faltaba, sin embargo, agregar al degüello el incendio, que dejó a aquellos desgraciados palpitantes aun entre charcos de sangre, y a muchas mujeres, después de servir de pábulo a la más brutal lubricidad, completamente carbonizados!...

Y sépase que el coronel Delvalle pocos días antes del 1.º de Marzo había dirigido al Mariscal Lopez una nota, bien redactada, en la que, con franca libertad y espíritu leal, le hacía saber la resolución de acuerdo con la división de su mando, de no continuar su marcha adelante, en consideración a que no importaba ya afrontar lucha alguna en defensa de la patria, sino cumplir el juramento, ya que no de haber vencido al enemigo, de morir por ella.

Protestaba al Mariscal Lopez de no levantarse jamás contra él, y que, fiel a la causa nacional, iba a esperar con sus compañeros la conclusión de la guerra y sus consecuencias, tranquilos ante la suerte que la providencia les deparase.

En tal estado fué perfida e fatalmente victimado el coronel Delvalle...

El Mariscal Lopez, en cuanto leyó aquella nota, con su estoica serenidad de siempre, no dijo sino: «El coronel Delvalle tambien nos abandona».

Ahora conviene dilatar un poco el recuerdo que usted hace de que el Mariscal Lopez en ocasión de discernir la última condecoración «a los que vencieran penurias y fadigas», reprodujo el juramento que primero hiciera *después del 24 de Mayo*, según usted cuenta, juramento repetido posteriormente en Pikysyry, como ya me consta a mí, cuando los representantes armados de las potencias aliadas le intimaron rendición, y el contestó de la manera más energética y elocuente, dispuesto a continuar defendiendo su patria hasta la última extremidad; juramento, en fin, que ratificó en Cerro-Corá, diciendo:

«Desde que bajo mis órdenes derramó el soldado paraguayo la primera gota de sangre en Coimbra, a esa sangre generosa quedó vinculada la mía. Yo tengo que derramarla también, con el último soldado, en defensa de la patria: no hajo mi vida más preciosa que la de miles de héroes ya glorificador».

Creame, joven compatriota, que conservo como estereotipadas en la memoria estas palabras, y el acento solemne con que las pronunció el Mariscal Lopez, sin que jamás pudiera dudar-se de tan firme y formal resolución.

Bien pronto la selló con su sangre en una muerte única en su genero, al perecer exclamando: «*Muero con mi patria!*»

Se ha querido cambiar esta frase, se la ha adulterado, ya de uno otro modo; pero es lo cierto que el Mariscal Lopez, cuando el general Camara le brindó la garantía de su vida, pidiéndole que se rendiera, lejos de esto, contestó con altura y altivez: «*Muero con mi patria!*».

Y en esos instantes supremos, en lucha el heroísmo del jefe paraguayo con la cobardía del jefe brasileiro; aquel sumergido en el agua, degollado a bala y traspasado a lanza, éste rodeado de una fuerte división armada, no se atreve a salvar esa vida, apenas respirando, al contrario la apresura, gritando con voz estentorea: *Maten a ese hombre!*

Queda para el historiador imparcial y filósofo, buscar el verdadero sentido de aquellas finales palabras del Mariscal Lopez; en ellas, sin duda, el vació la síntesis de su grande pensamiento, tan diversamente traducido, que viviera transparentándose en ese *hecho colosal* de más de un lustro, con admiración y pasmo del mundo.

Soy de Vd. affdo. S. S. y amigo

F. Muiz

Felizmente para nós, nem a memoria veneranda do bravo e intrepido general Camara se mareia com as palavras de um qualquer señor Maiz, nem o nobre povo paraguayo, estamos certos, seria capaz de apoiá-las.

Comtudo, ellas bem poderão servir como eloquente lição para nós.

Nilo Val.

Aos nossos camaradas que tenham dúvidas sobre a interpretação de quaesquer pontos dos novos regulamntos taticos e queiram communica-las á «A Defeza Nacional», em carta reservada ou não, participamos que sob a fôrma de comentarios aos textos regulamentares, divulgaremos os esclarecimentos prestados pelos Mestres.

# Sobre barragem

A proposito do recente livro do General Percin, *Le Massacre de notre infanterie*, o Tte. Cel. Tournaire, emite na *Revue d'Artillerie*, numero de Fevereiro, judiciosos conceitos sobre o tiro de barragem, dignos de serem maduramente meditados por infantes e artilheiros de paizes de más estradas e de pessimos meios de transportes. Aliás, já os nossos Mestres actuaes disso se acham capacitados e se esforçam por adaptar ao meio indigena os ensinamentos que nos trazem da sua propria experiencia.

Tratando das perdas feitas na infantaria pela propria artilharia amiga, assim se exprime o Tte. Cel. Tournaire, finalizando seu interessante artigo:

«O que nos parece util é o estudo dos meios de diminuir para o futuro as causas de perdas tão particularmente penosas. Enquanto atirar um canhão, jamais serão ellas completamente evitadas, da mesma forma que se não poderão supprimir por inteiro os esmagamentos enquanto houver a circulação de viaturas. Uma tactica mais prudente poderá, entretanto, tornar mais raras essas causas.

Os tiros de barragem estão em tal descredito que até o nome foi supprimido e substituido pelo de *tiro de deter*, fixando os regulamentos em projecto a distancia minima que os devem separar das nossas primeiras linhas. O mesmo se dá com a barragem rolante e desejavel seria que se acabassem resolutamente com os metaphoras da infantaria — como «colante á barragem» marchando no rastro dos projectis», etc.; que tomados muito ao pé da letra têm feito commetter graves imprudencias.

O que melhor seria ainda, era a substituição deste modo de apoio pela artilharia, tão justamente criticado, por outras concepções, cujas grandes linhas poderiam ser as seguintes:

Convencer bem todos os officiaes de infantaria, como já pensam alguns, que não devem solicitar o apoio da artilharia divisionaria para a defesa approximada, mas para esse fim explorar toda a potencia do seu armamento actual, procurando dilatal-a pelo progresso dos seus petrechos de acompanhamento.

Orientar os methodos da artilharia no mesmo sentido e para isso separar nitidamente a acção das baterias de 75 ou das baterias pesadas que, por tiros de concentração, podem apoiar a marcha da infantaria sem perigo para esta, da acção das baterias de acompanhamento.

Accelerar a organização destas ultimas unidades, que, vivendo intimamente com a infantaria, só agem a curta distancia, com tiro curvo, e que no momento necessario poderão lhe prestar um concurso precioso com os menores riscos. Neste ponto verdade é que está tudo por crear: tractor, material, organização e abastecimento.

Apenas indicamos o problema cuja solução, regulando em definitivo a questão das ligações, diminuirá notavelmente os perigos que podem correr os nossos infantes pelo facto de uma artilharia de longe querer protegel-os de muito perto.»

Ainda sobre barragem rolante, o mesmo numero da *Revue d'Artillerie* traduz do *Manual de tiro da artilharia allemã*, de 4 de Dezembro de 1919, os numeros 337 a 355, que tratam do assumpto, os quaes, pelo seu interesse, trasladamos para as nossas paginas:

## Barragem rolante

«337. Pode haver necessidade de, num ataque, proteger a infantaria por um fogo de artilharia que a preceda no movimento. Tem por fim esse genero de tiro, chamado *barragem rolante* (*Feuerwalze*), de impedir o tiro da infantaria e dos petrechos da defesa approximada do adversario sobre a frente e os flancos da infantaria do ataque; constitue ao mesmo tempo uma barragem movel aos contra-ataques inimigos.

338. A barragem rolante não poderá ser submettida a regras estreitas, applicaveis em todas as circumstancias; podem-se, entretanto, distinguir dois typos de barragem rolante:

a) A barragem rolante *observada* (*beobachtete Feuerwalze*), cujo deslocamento é regulado pela progressão da infantaria;

b) A barragem rolante *calculada* (*errechnete Feuerwalze*), em que a infantaria regula a sua marcha pelo deslocamento da barragem.

*Barragem rolante observada*

339. É empregada na guerra de movimento, quando ha falta de cartas exactas, de posições levantadas topographicamente e de informações meteorologicas ou quando o tempo de que se dispõe não permite preparar a barragem pela carta. Executa-se o tiro partindo de alças obtidas pela regulação sobre centros de resistencia da primeira linha inimiga.

Quando a situação desses centros é mal determinada, toma-se a alça inicial bastante curta afim de evitar que alguns desses centros escapem eventualmente ao fogo. Pode neste caso haver interesse em fazer evacuar a primeira linha amiga.

340. A marcha da barragem rolante e a amplitude dos lances são reguladas pela organização da defesa inimiga e pelas condições de visibilidade do terreno de ataque.

Quanto peores forem essas condições, tanto menor deverá ser a amplitude dos lances; quanto mais satisfactorias forem ellas tanto mais justificado serão os lances de uma a outra linha de defesa, de um a outro ponto de apoio. Em condições de visibilidade inteiramente favoraveis, a barragem rolante se compõe de uma serie de mudanças de objectivos, os dados resultantes do tiro precedente permittirão, em geral, reduzir a regulação atirando por grupos ou por salvas.

341. Emquanto a barragem rolante fixa-se num objectivo, pode-se, ás vezes, escalonar o tiro em profundidade afim de neutralisar as metralhadoras e petrechos de trincheiras escalonados á retaguarda.

No caso de ataque a alturas de inclinação forte, pode ser necessario manter a crista debaixo do fogo antes que a barragem a tenha attingido e até esse momento.

342. O lance de um objectivo a outro será em geral resolvido por meio de signaes luminosos, sendo indispensavel o estabelecimento de ligações seguras entre os postos de observação e as baterias afim de que não seja o tiro interrompido por suas falhas. Quando produz-se tal eventualidade, deve-se contar com a iniciativa dos officiaes da bateria.

343. Quando a barragem chega a uma zona desenfiada ás vistas, continúa a progredir sem observação.

A velocidade do seu deslocamento depende então do terreno, e das observações que se possam fazer sobre a marcha do ataque. Em geral o fogo deve percorrer 1 kilometro no intervallo de 30 a 60 minutos.

344. Em regiões accidentadas, deve-se entrar em consideração, em cada deslocamento do tiro, com as variações do angulo de sitio, afim de se evitarem alças inexactas.

345. Quando se trata de penetrar numa matta de arvores frondosas, a barragem rolante se eleva primeiro até o vertice das arvores da orla, progredindo depois tanto mais irregularmente quanto maiores forem as diferenças de altura das arvores e quanto menor for o angulo de queda.

Além disso, a infantaria não póde seguir na matta a barragem rolante tão rapidamente como em terreno livre, é preciso, então, moderar francamente a velocidade de deslocamento do fogo.

*Barragem rolante calculada*

346. Os elementos de tiro para toda a duração da barragem deverão, tanto quanto possivel, ser calculados de antemão com o plano director, inscriptos nas cadernetas de tiro e corrigidos pouco antes da abertura do fogo de accôrdo com as sondagens. Nas primeiras determinações recorre-se francamente ás *secções de localisação*.

347. Os lances successivos da barragem devem ser representados graphicamente na escala dos planos directores de bateria.

As linhas transversaes, trazendo indicações horarias, marcam os lances successivos; as faixas na direcção do ataque, trazendo numeros de baterias ou de posições, indicam a zona de acção das baterias.

348. A hora inscripta nas linhas successivas da barragem (por exemplo  $x + 152$ ) é a hora em que deve começar o tiro sobre essas linhas.

349. Os algarismos dados nas ordens da artilharia para a amplitude dos lances (por exemplo 200 m.) interessam apenas as autoridades encarregadas de desenhar as linhas de parada da barragem, e não implicam de forma alguma que as baterias devam sempre proceder por lances dessa amplitude. Para o commandante de

bateria, o estabelecimento da barragem rolante constitue um trabalho de mosaico, isto é, deve elle calcular para cada elemento da barragem o angulo de tiro, o angulo de sitio e a deriva. Quanto mais obliqua for a barragem em relação á direcção do tiro, tanto menores podem ser as modificações de alça, mesmo quando a amplitude dos lances for sempre de 200 m. em relação á direcção do ataque da infantaria.

350. Quando a faixa a bater for mais larga que a frente da bateria, devendo, por conseguinte, ser o feixe mais aberto que o parallelismo, essa repartição do fogo não deve ser mantida invariavel durante a progressão da barragem rolante, com o que o tiro divergirá cada vez mais á medida que augmentam as distancias. E' preciso, então, modificar continuamente a abertura do feixe. Se, por excepção, uma bateria atira lateralmente (efeito de flanqueamento) á faixa que lhe foi repartida, será necessario cerrar ou abrir o leque.

351. As influencias particulares e atmosfericas serão calculadas para a linha inicial e depois para as linhas successivas de cerca de 1.000 em 1.000 metros.

352. Quando a barragem desloca-se sobre um acclive, é preciso, segundo as circumstancias, mesmo se a marcha prevista para a barragem comporta lances de 200 m., reduzir a amplitude dos lances na razão do declive, afim de não haver lacunas acarretadas pela redução da zona de dispersão (\*). O horario da progressão da barragem não deve ser influenciado por essas modificações.

353. Quando a barragem rola sobre um declive forte, é preciso verificar cuidadosamente se as linhas successivas podem ser atingidas pela trajectoria. Póde acontecer que a barragem recue e que caiam tiros nas fileiras da infantaria amiga. Os espaços mortos que se formam no declive á retaguarda da barragem devem ser despresados, o tiro saltando directamente da ultima linha precedendo o espaço morto á linha que póde ser seguramente attingida pela trajectoria. O tiro permanece nesta linha o tempo necessario para permitir que seja alcançado pelo tiro das outras baterias, retomando em seguida o seu lugar no horario geral.

(\*) Ver n. 33 do nosso R. T. A. (N. de T.)

As tabellas dos angulos de queda (*Fallwinkeltafeln*) permitem determinar esses espaços mortos com auxilio da carta de 1/25.000.

Tanto quanto possivel, devem os espaços mortos ser batidos pelo fogo das baterias vizinhas.

Quando se não dispõe de tabellas dos angulos de queda, basta verificar se a inclinação dos tubos correspondentes a uma linha da barragem no declive, não é inferior á inclinação dos tubos que responde á linha precedente. Neste caso, a bateria transporta o tiro para linhas seguintes em que a inclinação é maior que a correspondente ao vertice da escarpa situada á retaguarda (maior 200 m. pelo menos, para levar em conta a dispersão).

354. A conducção da barragem rolante calculada não comporta o emprego de signaes luminosos; entretanto, o commando póde, quando necessario, dar ordens para parar ou regressar a barragem. Os dados horarios do calculo servem, então, para designar os objectivos (ex.: todas as baterias voltarão a  $x + 152$ , e reencetarão desse ponto a barragem ás 9 h. 10).

355. Podem-se, com oportunidade, empregar formas de barragens intermediarias entre a barragem observada e a calculada. Assim quando as posições não estão levantadas topographicamente, póde a barragem partir de uma alça obtida por um tiro observado. Ainda neste caso, a partir do primeiro lance prosegue a barragem rolante de accôrdo com o plano e sem se recorrer aos signaes luminosos.»

P.

## Os novos regulamentos

### CONSULTA

Consulta-nos um Tenente-Coronel de Artilharia se não ha engano no R. T. A. quando á pag. 225 considera de vigilancia o angulo V o R (fig. 36).

Ha effectivamente ahi um erro typographic, devendo o R. T. A. ser corrigido na ultima linha da citada pagina e ler-se: VQR em lugar de VOR. E ficará assim: o n.º 239 de accôrdo com a definição de angulo de vigilancia dada no n.º 192 e confirmada no n.º 193. (Esclarecimento do Commandante Bresard).

# EDUCAÇÃO PHYSICA

## Programmas de instrucção

Não existe, entre nós, Tenentes e Capitães, quem consciente de sua responsabilidade não haja sentido calafrios ao organizar um programma para uma licção de educação physica. E' que esse ramo da instrucção militar, a que outr'ora geralmente se dava uma orientação ridicula, sem o menor racionalismo, — tornou-se, com justa razão, motivo das cogitações de todos, já por seu desmedido valor na formação do soldado, já porque ao educador de gymnastica moderno se faz impres-indivel a integração de conhecimentos que demandam vastos estudos e acurada meditação. Não basta que os mestres dessa materia sejam optimos executores; é, antes de tudo, preciso que, sabedores de physiologia e de hygiene, organisem os seus programmas sem conflictos com as leis da sciencia.

Qual de nós procede assim? Estaremos por acaso em condições de realizar um estudo consciente do *grupo* que devemos instruir e d'ahi traçar com segurança a feitura da licção a que devemos submettel-o? Não iremos pelo trabalho muscular a que vamos forçal-o comprometter-lhe o mecanismo physiologico, activando-lhe excessivamente a circulação, desequilibrando-lhe a função cardiaca, a função respiratoria? Teremos plena convicção, quando empregamos esse ou aquelle exercicio para combater uma certa deformação? E essas e outras reflexões que nos preocupam a imaginação não são exageradas: é regra geral entre nós a decadencia intellectual dos gymnastas e a tendencia para a atrophia de suas funções genesicas.

E' intuitivo que esses males resultam da desordem que preside a orientação de educadores falhos, na sua totalidade, da cultura indispensavel para o desempenho do cargo. E, a insufficiencia do regimen alimentar de nossa gente não virá aggravar as preocupações do instructor? Não é racional que o organismo receba as substancias nutritivas de que precisa para compensar os productos elaborados por elle no trabalho gymnastico?

Devemos ser orientados, muito de perto, no ensino da educação physica, — pelo menos emquanto nos faltarem espe-

cialistas, — por medicos, mas por medicos que tenham senso clinico, se não quizermos continuar na situação de repetidores de um regulamento cujo alto espirito bem alcançamos, embora bem melhor sintamos, na nossa propria insufficiencia, a falta de recursos para a sua consagração.

\* \* \*

Vimos de lêr um trabalho, publicação do Ministerio da Guerra de França, cuja traducção encetamos no intuito de auxiliar os nossos camaradas que por servirem fóra da 1.<sup>a</sup> Divisão não tenham tido oportunidade de adquiril-o. Conforme os principios do nosso R. I. Ph. M., encontramos no referido opusculo trinta typos de *licções completas*: dez para o grupo dos fracos, dez para o dos medicos e dez para o dos fortes. Taes exemplos ministrados a titulo de informação nos indicam a medida e a progressão a adoptar na composição de um programma. Errariam crassamente os instructores que os tomassem exclusivamente por norma, não tendo presentes os motivos que se oppõem a organização de um programma definitivo.

As licções apresentadas em cada categoria são progressivas para um periodo de sete mezes de instrucção; assim, a primeira corresponde ao primeiro mez e a decima ao ultimo.

### Licções completas para fracos

#### 1.<sup>a</sup> Licção

	<p>Marcha na ponta dos pés; marcha no passo de caçador. Elevação vertical dos braços (differentes planos). Elevação dos joelhos, distensão da perna (differentes planos).</p>
Sessão preparatoria	<p>Pés afastados. Quadris firmes (ou braços acima). Flexão e distensão do tronco. Elevação da perna distendida com elevação vertical dos braços. Elevação lateral de um braço e elevação para a frente, do outro.</p>

#### Licção propriamente dita

Exercicios educativos	<p>Marchar — Marcha com elevação dos joelhos, marcha allongada, tronco vertical, balanceando os braços.</p>
-----------------------	---

Pequeno jogo: — O gato e o rato,

Exercicios educativos	<p>Trepar — Suspensão inclinada; flexão dos braços.</p>
-----------------------	---

**Aplicações** { *Saltar* — Salto em largura sem impulso.  
*Levantar e carregar* — Pesos 15 a 20 vezes (vide R. I. Ph. M. pag. 39 nos. 1, 2 e 3).

**Exercícios educativos** { *Correr* — Saltar com uma perna e cair sobre a outra para frente e para traz.

**Aplicações** { *Arremessar* — Arremessar e apagar, successivamente, um peso de 5 kg.

**Jogo:** — A roda do chicote.

**Ataque de defesa** { *Sôco de combate* — Murro, directo á esquerda e parada (Vide L'Infanterie en un volume pag. 85.)

**Natação e salvamento** { Ensino de natação a braçadas, (vid. Guide d'Éducation Physique — Hébert, pag. 274.

**Volta á calma** { Reunião.  
 Marcha cadenciada.  
 Marcha com canto.

**Nota** — O instructor, durante as lições, fará opportunamente executar exercícos respiratorios. R. I. Ph. M. 22.

### Lições completas para médios

#### 1ª Lição

**Sessão preparatoria** { *Marcha* — Marcha de gymnastas.  
 Elevação do joelho, distensão da perna (diferentes planos)  
*Decubito dorsal* — elevação dos joelhos e distensão das pernas em diferentes planos.  
 Elevação alternada das pernas distendidas com elevação vertical dos braços.  
 Elevação vertical de um braço e elevação para frente de outro.  
 Exercício respiratorio com movimento giratorio dos hombros.

#### Lição propriamente dita.

*Marchar* — Marcha alongada rapida.  
*Trepar* — Suspensão allongada. — Trasição lateral com balanceamento do corpo, braços distendidos.

*Saltar* — Salto combinado em largura e altura.  
*Levantar e carregar* — Carregar um sacco nos braços.

**Jogo** — A bruxa.

*Correr* — Corrida de 50 metros.

*Arremessar* — Arremessar e apagar successivamente duas pedras.

*Grande jogo* — A bola no campo.

*Ataque e defesa* — Lucta á vara (repulsão) sentados, dois a dois.

**Natação e salvamento** — Natação a braçadas. — (Vid Guide d'Éducation physique, — Hébert, pag. 241).

**Volta á calma** { *Marcha* lenta com exercicio respiratorio.  
*Marcha* com canto.

**Nota** — Apresentamos como typos de marchas de gymnasticas:

- 1) Marcha circular com volteio
- 2) Marcha sinuosa (Fig. 1)
- 3) Marcha em espiral (Fig. 2)
- 4) Por filas contra-marchar
- 5) Marcha cruzada
- 6) Circulos concentricos
- 7) Cadeia gymnastica

Na primeira marcha o grupo, em uma ou duas filas, roda em torno de um ponto, contra marchando de quando em vez á direita ou á esquerda.

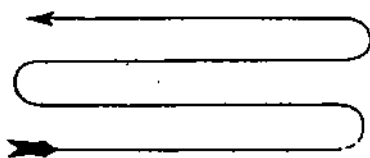


Fig. 1

Marchando o grupo em columna por dois, ao commando — *por filas contra-marchar* — a fila da direita executa a marcha sinuosa para a direita enquanto a fila da esquerda o faz para a esquerda.

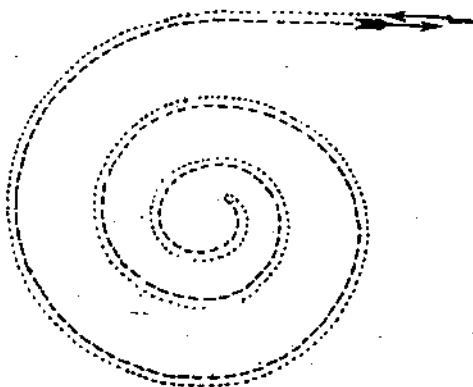


Fig. 2

Para executar a *marcha cruzada* o grupo se desloca em columna por um; ao commando — rodar aos lados — os numeros impares rodarão para a direita e os pares para a esquerda no mesmo ponto em que o homem da testa mudou de direcção. Os guias das columnas assim formadas descrevem curvas abertas de ramos exteriores parallelas. Ao commando — *marcha cruzada* — dada, no momento em que as columnas se acharem em toda a sua profundidade em situações parallelas, os guias respectivos contra-marcha-

rão, pelo centro, em diagonal; terá então lugar o seu cruzamento, passando os números pares pelos intervallos dos impares. (Fig. 3).

A marcha em *circulos concentricos* se obtem partindo da formação circular em uma fila previamente numerada por tres. Ao commando — em circulos concentricos — os que numeraram *um* dão um passo, á esquerda, os que numeraram *dois* fazem

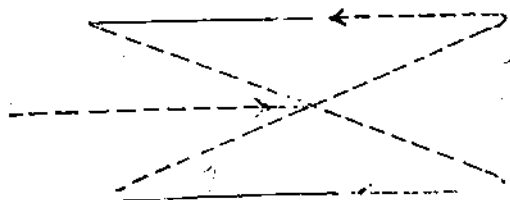


Fig. 3

meia-volta e os que numeraram *tres* dão um passo á direita. Todos os movimentos são feitos sem interromper a marcha.

Para a execução da *cadeia gymnastica* ha necessidade de um numero par de homens. Estando o grupo em marcha, em formação circular, ao respectivo commando os numeros impares fazem meia volta e continuam a marcha passando alternativamente pela direita e pela esquerda dos numeros pares.

### Licções completas para fortes

#### 1.ª Licção

Sessão preparatoria	{	Marcha na ponta dos pés, marcha normal em cadencias diferentes.
		Elevação vertical dos braços em diferentes planos com flexão e distensão das mãos.
		Elevação do joelho, distensão da perna em diferentes planos.
		Decubito dorsal, elevação dos joelhos e distensão das pernas.
		Elevação da perna distendida com elevação vertical dos braços.
		Exercicios respiratorios com mov. giratorio dos hombros.

#### Licção propriamente dita

- Marchar** — Marcha allongada rapida.  
**Trepar** — Escalada de um muro com auxillo.  
**Saltar** — Salto em profundidade do alto de um muro em baixo.  
**Correr** — Corrida por lances deitando no fim de cada lance.  
**Arremessar** — Arremessar granadas deitado.  
**Levantar, carregar** — Transportar um homem montado nos hombros.  
**Saltar** — Salto lateral em altura sem impulso.

**Arremessar** — Arremessar a bola marchando e correndo.

**Ataque e defeza** — Sôco de combate; murros directos á direita e á esquerda, no rosto, no estomago; paradas correspondentes e «bloquages» (Vid. L'Infanterie en un volume, pags. 85, 86 e 95).

**Natação e salvamento** — Braçadas de costas. — (Hébert — pag. 248).

Volta a calma {  
 Marcha lenta  
 com canto  
 no passo cadenciado.

(Continúa)

de MORAES  
 1.º Ten.

## A radiotelegraphia fixa e o exercito

Emquanto em outros paizes, alguns dos quaes intimamente visinhos do nosso, a radiotelegraphia fixa, a serviço do Exercito permanente, progride consideravelmente, augmentando, dia a dia, o seu raio de acção, em nosso Exercito, longe de progredir, o seu estado permanece ainda profundamente embryonario.

A Lei Argentina, relativa á radiotelegraphia, bem como o Regulamento della resultante, são provas de flagrante demonstração.

Essas disposições, que parecem exteriormente interessar-se, quasi que exclusivamente, pela parte commercial, de exploração da radiotelegraphia a serviço do paiz, deixa, no entanto, transparecer, visivelmente, o longo alcance que tem a quasi totalidade de seus artigos, visando os importantes serviços que a radiotelegraphia pode prestar na defeza nacional, tanto na paz como na guerra.

No entretanto, o Brazil, longe de possuir uma Lei accetavel, visto que a unica existente, a de n.º 3.296, de 10 de Julho de 1917, dispondendo sobre a radiotelegraphia no Brazil, não satisfaz de forma alguma as exigencias do progresso, alem de que, obscurecendo completamente a função importante da radió junto aos Estados Maiores das nossas forças armadas, não possui, nem ao menos, a regulamentação dessa Lei.

A Comissão Technica Mixta Civil e Militar de Radiotelegraphia, encarregada pelo Governo dessa regulamentação, tem

ser a mesma modificada, afim de responder aos progressos então postos no campo da pratica de radiotelegraphia.

Essas opiniões são sufficientes para impor as modificações, que se tornarem necessarias.

E' preciso então fazer-se uma verdadeira obra, que brilhe entre as demais no mundo.

E' o momento em que o Exercito e a Marinha, cooperando junto ao Congresso Nacional, deverão propor medidas de character harmonico, visando um fim assegurador de nossa defeza.

Indubitavelmente os Ministerios que deverão chefiar a radiotelegraphia no Brazil são a Guerra, Marinha e Viação.

E' preciso, pois, que a Lei futura não centralise, como presentemente é feito, e sim entregue a cada Ministerio, dos acima referidos, uma zona do territorio Nacional, de accordo com seus interesses, para uso da radiotelegraphia, definindo-lhes as attribuições dessa zona.

Essa divisão, que se subordinará a um plano racional, visará capitalmente a vigilancia da fronteira, pelo Exercito, a fiscalização e protecção da navegação, pela Marinha, na costa, e o trafego mutuo, commercial e industrial, interno e externo, pelo Ministerio da Viação.

Eis pois um passo formidavel no progresso da radiotelegraphia entre nós e que auguraria ao Exercito, necessariamente, os melhores proveitos em beneficio de sua Missão.

Rio, 30 de Março de 1922.

Waldemir Aranha Meira de Vasconcellos.

# ARTILHARIA

## Semelhança balística

Mais com o fim d'um pequeno exercicio, a titulo de estudo, venho aqui tratar da questão de artilharia sob o titulo acima.

Precedendo o problema que me proponho resolver, faço uma explanação preliminar, necessaria sobre semelhança mecanica, não mais fazendo do que está exposto no livro «Mecanique des Affûts», do Cel. Chaleat.

Em mecanica as tres unidades fundamentaes adoptadas são as unidades: de comprimento — o metro, de tempo o — segundo sexagesimal, e a de força — o kilogrammo.

As outras unidades que provêm destas chamam-se derivadas.

Assim, a unidade trabalho kilogrammetro é uma unidade derivada, pois define-se unidade de trabalho o producto da unidade força (kilogrammo) pelo deslocamento do ponto de aplicação (unidade de comprimento — o metro) projectado sobre a direcção da força e cuja expressão analytica para um trabalho elementar e, designando por T esse trabalho:

$T = F dx \cos \theta$  e para o trabalho total entre o limite  $m_0$  e  $m_1$

$$T_1 = \int_{m_0}^{m_1} X dx + Y dy + Z dz,$$

com relação a tres eixos orthogonaes:

Si, porém, em mecanica adoptou-se para unidades fundamentaes o metro, o segundo o kilogrammo, para o espaço tempo e força, já em balística não succede o mesmo.

Assim, não nos referimos em balística a pressão expressa em metro quadrado, mas sim por centimetro quadrado; o volume da camara de é dado em decímetros cubicos; a secção recta do projectil em decímetros quadrados; o espaço percorrido pelo projectil na alma do canhão em decímetros.

Nenhum erro disto virá e muito menos difficuldades. Ao contrario, evita-os, pois alem de tudo seria inconveniente a apprehensão dos factos, referir-se a metros quadrados e cubicos em se tratando de tão pequenas dimensões.

Isto posto, tomemos a formula que nos dá a pressão maxima.

$$P_0 w = \frac{4}{27} \frac{p a^2}{g h}$$

$P_0$  é a pressão em kilogrammos por centimetro quadrado.

$w$  é a secção recta dada em decímetros quadrados.

$p$  — o peso do projectil em kilos.

$g$  — o valor da gravidade.

$$a = 2090 \left( \frac{w}{\rho} \right)^{\frac{1}{2}} \Delta^{\frac{1}{12}}$$

$\Delta$  sendo a densidade de carregamento,

$w$  — peso da carga de polvora de projecção dada em kilos.

$$b = B \left( \frac{s}{p} \right)^{\frac{3}{8}} \left( 1 - \frac{3}{4} \Delta \right)$$

$B$  sendo o coefficiente de progressividade das polvoras.

$s$  — o volume da camara em litros ou decímetros cubicos.

O valor de  $a$  é dado em metros e  $b$  em decímetros.

sendo  $b$  expressos em decímetros e  $a$  em metros, para que  $w$  não seja alterado temos que multiplicar o 2.º membro da citada formula por 10.

Doutra parte,  $w$  sendo em decímetros quadrados e  $P_0$  em kilogrammos por centimetro quadrado, para que a formula permaneça exacta neste novo systema de unidades é preciso tomar  $P_0 w$  igual a  $100 P_0 w$  e

$$P_0 w = \frac{4}{27} \frac{p a^2}{g b} \times 10$$

virá

$$P_0 = \frac{2}{270} \frac{p a^2}{g w b}$$

Liga-se a esta questão de unidades, a semelhança mecanica, cujo estudo pôde prestar grandes serviços quando se tratar da organização d'um projecto de material de artilharia.



A base da theoria da semelhança mecanica é dada pelo Theorema de Newton que adiante veremos.

Si representarmos as unidades fundamentaes de extensão, tempo e força pela expressão  $L^a T^b F^c$  teremos ahí as dimensões das quantidades de comprimento, tempo e força do grão  $a, b$  e  $c$ .

Por exemplo: tomando-se a equação  $e = \frac{1}{2} g t^2$  da mecanica, as quantidades  $e$  e  $t^2$  serão representadas por  $L T^2$  sendo  $a$  do primeiro grão e  $b$  do 2º grão.

Relembremo-nos que as equações da mecanica são independentes da escolha das tres unidades fundamentaes, isto é, são homogeneas.

Seja  $L^a T^b F^c$  as dimensões d'uma quantidade; tornando-se as tres unidades fundamentaes, respectivamente  $\lambda, \tau, \varphi$  vezes menores, os numeros que medem  $a, T, F$ , tornam-se  $\lambda a, \tau T, \varphi F$  e a mesma quantidade tem por dimensões no novo systema de unidades  $L^a T^b F^c$   $\lambda a T^b \varphi c$ .

Da homogeneidade das equações da mecanica resulta que si  $f(a, T, F) = 0$  tem-se tambem  $f(\lambda a, \tau T, \varphi F) = 0$  sendo  $\lambda, \tau$  e  $\varphi$  numeros arbitrarios

Para as applicações é indispensavel a escolha das unidades, o que já não succede na theoria.

Nos estudos theoricos é preferivel deixar, como já se sabe, as unidades fundamentaes indeterminadas, de modo que as formulas obtidas possam ser applicadas a qualquer systema de unidades, e assim ellas devem subsistir, devendo ainda apresentar uma triplice homogeneidade com relação aos tempos, comprimentos e massas.

Sendo  $L$  um comprimento,  $T$  um tempo, e  $M$  uma massa,  $F$  uma força,  $V$  uma velocidade,  $J$  uma aceleração, tomando-se uma unidade de comprimento  $\lambda$  vezes menores, uma unidade de tempo  $\tau$  vezes menores, uma massa  $\varphi$  vezes menores, as quantidades acima tornam-se  $L \lambda, T \tau, M \varphi, F \frac{\varphi \lambda}{\tau^2}, V \frac{\lambda}{\tau}, J \frac{\lambda}{\tau^2}$ , pois uma velocidade

é igual a relação do espaço  $L$  pelo tempo  $T$ ; uma aceleração é a relação  $\frac{us}{dt^2}$  e uma força é o producto da massa pela aceleração, donde a relação  $\frac{\varphi \lambda}{\tau^2}$ .

Si as unidades forem especificadas, as formulas deverão subsistir para quaesquer valores de  $\lambda, \tau$  e  $\varphi$ .

Vamos agora supôr que as unidades tornem-se  $\lambda$  e  $\tau$  vezes menores, e utilizemos-nos da formula  $L = \frac{V^2}{g}$  que nos dá o comprimento  $L$  de recuo d'um reparo rigido, sendo  $V$  a velocidade maxima de recuo. Teremos:

$$L \lambda = \frac{\lambda^2 V^2}{\tau^2 g}$$

donde

$$L = \frac{V^2}{g}$$

Tomando-se a formula conhecida da duração d'uma oscillação,

$$T = \pi \sqrt{\frac{c}{g}}$$

si mudarmos de unidades temos:

$$T \tau = \pi \sqrt{\frac{\lambda}{\tau^2 g}}$$

o que é igual a  $t = \pi \sqrt{\frac{l}{g}}$ .

Ambas as formulas são homogeneas.

Define-se em mecanica a semelhança:

Dois systemas materiaes são semelhantes, no ponto de vista mecanico, quando os comprimentos, as forças, os tempos e as massas estão entre si na relação constante  $\lambda, \tau, \varphi, Y$ , com os elementos homologos do outro.

Theorema de Newton — Suppondo estabelecido para um systema a relação  $f(L, T, M, F) = 0$ , esta relação é verdadeira, em virtude da homogeneidade, para  $\lambda L, \tau T, \varphi M$

Já dissemos, porém, que escolhidas as unidades fundamentaes as outras são determinadas, e assim  $Y$  depender de  $\lambda, \tau$  e  $\varphi$  e Newton demonstrou que  $Y = \frac{\varphi \tau^2}{\lambda}$ .

Isto quer dizer, para que  $f(L, T, M, F) = 0$  se applique a todos os systemas semelhantes, é preciso e sufficiente que as relações de semelhança satisfaçam a condição,  $Y = \frac{\varphi \tau^2}{\lambda}$ .

Em balistica interior nos temos para as velocidades uma formula da forma  $f(L, V, T, M) = 0$  e para as pressões  $f(L, T, M, F) = 0$ .

Para que estas formulas sejam verdadeiras para todas as boccas de fogo semelhantes, consideradas como machinas ordinarias (Ver Chaleat) é preciso que,  $\lambda$  sendo a relação das dimensões lineares, as velocidades estejam na relação  $\sqrt{\lambda}$ . Bem como os tempos correspondentes. Para duas machinas semelhantes a relação dos comprimentos sendo  $\lambda$ , a relação dos volumes será  $\lambda^3$ . Sendo as machinas dos mesmos materiaes, a relação das massas é  $\lambda^3$ , bem como a das forças, pois que as partes homologas estão nessa relação e os pesos são forças actuando.

Virá pois  $\varphi = Y = \frac{\varphi \tau^2}{\lambda}$  da relação  $Y = \frac{\varphi \tau^2}{\lambda}$  vem  $\tau = \sqrt{\lambda}$ .

Os comprimentos lineares dos grãos de polvora devem estar na relação  $\lambda$  dos calibres e os tempos de combustão na relação  $\sqrt{\lambda}$ .

Em artilharia, chamam-se boccas de fogo semelhantes e semelhantemente carregadas aquellas para as quaes:

1.º — Todas as dimensões lineares: estão entre si na relação  $\lambda$  dos calibres;

2.º — Todas as dimensões lineares dos grãos de polvora estão entre si na relação  $\lambda$  dos calibres;

3.º — As quantidades de gaz emittidas durante os tempos proporcionaes aos calibres, são entre si proporcionaes aos cubos dos calibres.

Para os canhões semelhantes as dimensões  $L, T, M$  estão respectivamente nas relações  $\lambda, \sqrt{\lambda}$  e  $\lambda^3$ , suppondo que para uma bocca de fogo carregada d'um modo determinado estabeleceu-se a relação  $f(L, V, T, M) = 0$ .

Esta formula homogenea será ainda verdadeira para todas as boccas de fogo adoptando para as velocidades a relação de semelhança conveniente.

Esta relação é a unidade, porque a  $\frac{1}{V}$  tem por dimensões  $\frac{1}{L}$  e que L e T estejam na relação dos calibres.

Do mesmo modo as pressões por unidade de superficie são eguaes.

Em canhões semelhantes e semelhantemente carregados, para espaços percorridos pelos projectis que guardam a relação dos calibres, as velocidades dos projectis são eguaes, e portanto tem estes equal velocidade inicial.

Em canhões semelhantes e semelhantemente carregados apparecem pressões eguaes para espaços percorridos que guardem a relação dos calibres, e portanto tem equal pressão maxima.

Em canhões semelhantes e semelhantemente carregados, os tempos empregados pelo projectil em percorrer espaços que estejam na relação dos calibres, guardam equal relação. (Balística de Mata y ... pg. 101, 129, 146).

Isto posto, procuremos resolver o problema que tenho em vista: de posse da theoria da semelhança balística interior, organizar o projecto d'um canhão pesado de campanha semelhante ao canhão Saint-Chamond 75<sup>mm</sup> C 36,3, na relação dos calibres  $A = 2$ .

Designando por C o calibre do canhão semelhante ao 75<sup>mm</sup> francez, e C o calibre deste, teremos

$$C = 2 \times 75 \text{ mm} = 150 \text{ mm}.$$

Nos sabemos que os pesos são proporcionaes ás massas, e estas estão entre si na relação cubica.

Portanto tomando-se a granada explosiva de peso equal a 6k,260, do 75<sup>mm</sup>, a granada semelhante do canhão semelhante terá um peso  $P = 6k,260 \times 8 = 6k,26 \times 50k,08$ .

Sendo 461 o peso da bocca de fogo 75<sup>mm</sup> Saint-Chamond, o peso do canhão semelhante será  $P = 461 \times 8 = 3688k$ .

O peso da carga de projecção será  $100 \times 8 = 8k, 800$ .

A velocidade inicial do canhão semelhante é 575.

A pressão media, a mesma do 75<sup>mm</sup>.

O valor dessa pressão deve orçar por 2400 atm.

O comprimento do cano do canhão semelhante seja  $L = 36,3$ ,  $z = 72,6 \times 75 \text{ mm}$  ou  $5,445$ .

Comprimento da alma: 5m,174.

Comprimento da parte raiada: 4m,4588.

Volume da camara é equal a  $1,390 \text{ dm}^3 \times 8 = 11,12 \text{ dm}^3$ .

Energia potencial  $105,490 \text{ tm} \times 8 = 843,920 \text{ tm}$ , que é equal a  $\frac{1}{2} mv^2$  para  $V = 575$ , e  $m = 5,4k$ .

A densidade de carregamento é a mesma que tem o 75<sup>mm</sup> para a granada de 6,26 com a de 1,100 de polvora US<sub>3</sub>.

O numero de raias será dado pela formula  $n = 3c$  em que n é o numero de raias e c o calibre, donde  $n = 3 \times 15 = 45$  raias.

Isto feito, damos abaixo as características do canhão 150<sup>mm</sup> C 36,6, semelhante ao 75<sup>mm</sup> C 36,3 Saint-Chamond.

Peso do canhão com fechadura: 3688k.

Peso da granada explosiva (917): 50k,1.

Velocidade inicial: 575 ms.

Pressão media 2400 atm.

Força viva na bocca:  $\frac{1}{2} mv^2 = 843,920 \text{ tm}$ .

Comprimento do cano: 5m,445.

Comprimento da alma: 5m,174.

Comprimento da parte raiada: 4m,4588.

Volume da camara ( $\text{dm}^3$ ): 11,12.

Numero de raias: 45.

Inclinação das raias: 7°.

Peso da carga de projecção (US<sub>3</sub>): 8k,8.

Resta-nos agora calcular o alcance para o projectil de 150<sup>mm</sup>, de peso 50k,1, disparado com uma velocidade = 575 e um angulo de tiro de 40°50', o que será feito no proximo numero com auxilio das formulas de Sciacci.

Carlos de Abreu

Cap.<sup>m</sup> Art.

## Autos - couraçados.

Por parecer-nos interessantes, trasladamos para estas columnas as idéas do commandante Van der Donckt, do Exerçito Belga.

Preconisa elle, para o auto-metralhadora, um typo de uma só metralhadora apta ao tiro contra aviões, e, para o auto-canhão, um typo atirando com o projectil de artilharia de campanha.

Como unidade, aconselha elle o grupo, composto de 2 autos-canhões e 3 autos-metralhadoras, cada viatura sendo guardada por 1 official, 1 chefe de peça, 1 observador, e 1 atirador.

Cada unidade terá mais o auto-couraçado do commandante respectivo, e o escalão de aprovisionamento comprehenderá 1 official tecnico, 3 caminhões, 1 viatura-officina, 1 reboque, 1 cystema, 1 autocosinha, 1 viatura para transporte e varias motociclettes.

A unidade será assim formada por 14 automoveis, 7 officiaes e umas 5 dezenas de praças.

O auctor da idéa não acha razoavel nem crê nas operações realisadas tão sómente por massas de autos-couraçados.

Para elle, o principio fundamental é o seguinte: «Os autos auxiliam as outras armas; não são estas que os auxiliam».

No emprego dos autos será preciso considerar:

1.º — O commandante dos autos deverá gosar de toda iniciativa. Fixa-se-lhe uma

missão, competindo a elle executar a segundo as circumstancias e os meios de que dispuzer.

2.º — E' de tal fôrma difficil estabelecer a ligação entre os autos e os demais elementos, que talvez fosse preferivel tirar os autos da tutela das outras armas. Mas ha nisso um grave inconveniente: é que só por uma intima cooperação entre as differentes tropas se poderá obter um exito duravel.

Demais, o auto isolado não tem capacidade para occupar o terreno por si só.

3.º — As informações que se recebem das tropas visinhas e até mesmo dos estados-maiores são geralmente vagas e duvidosas.

A bateria de autos-metralhadoras, antes de entrar em acção, se divide em 2 escalões: — o de combate e o de aprovisionamento; a escolha do posto de espera do escalão de aprovisionamento, que geralmente se compõe sómente de um caminhão de munição e um reboque, demanda um estudo acurado.

Estudando as acções dos autos na campanha da Galicia, o auctor observou que elles agiram mais como carros de acompanhamento do que como autos-metralhadoras, razão por que julga elle preferivel affectal-os ás divisões de cavallaria, ao emvez de affectal-os ás divisões de infantaria.

Justificando sua idéa, diz elle que, de facto, as viaturas estarão em seu verdadeiro papel nos seguintes casos:

1.º — Quando se os destacar rapidamente para uma brecha a tapar, até a chegada das outras tropas.

2.º — Quando ellas detêm o adversario, quer á retaguarda, quer sobre os flancos do exercito ou sobre as alas.

O que será preciso é empregar os autos em numero sufficiente, fazendo-os acompanhados por tropas moveis, e não exagerar a importancia dos reconhecimentos realisados por autos sós.

Elles serão um excellente auxiliar do combate na guerra de movimento, em que poderão desenvolver toda a sua actividade, já não se podendo dizer o numero delles na guerra de posição.

Essas observações são interessantes e bem merecem o estudo dos especialistas no assumpto, afim de que não se ergam castellos no ar.

N. V.

## Notas sobre Historia Militar do Brasil

### Resumo da Guerra do Paraguay (\*)

(Continuação).

Infelizmente, o commandante de Nioac, apêzar das ordens do coronel Camisão, havia abandonado o seu posto a 1 de Junho, nodando o seu nome com o crime de deserção em frente ao inimigo, depois de haver cumprido a primeira parte da ordem do coronel Camisão quanto ás munições e archivos.

Contemplando os innumerados cadaveres de patrios que jaziam por entre as ruinas de Nioac, a columna foi estacionar atraz da igreja, ali passando a noite.

Na igreja haviam sido deixadas pela expedição em sua primeira passagem por Nioac algumas munições que os paraguayos não retiraram, parecendo tel-as aproveitado para mais um desastre á columna. Effectivamente, quando os soldados brasileiros foram tirar a munição e outros objectos ainda existentes na igreja, inflammou-se um rastilho de polvora, havendo uma explosão em que morreram 20 soldados.

Proseguindo a marcha no dia 5, a columna acampou em Formiga, attingindo Taquarussú a 8, dahi por deante vendo-se livre dos paraguayos, que, reunindo o seu pessoal, retiraram-se para seu paiz, passando por Nioac, e, finalmente, a 11 de Junho attingio o porto de Canuto, na margem do Aquidauana.

Durante os 35 accidentados dias de peregrinação, a columna havia perdido 578 homens pelo cholera, pelo fogo, etc, pois que invadira o Paraguay com um effectivo de 1907 homens e restavam-lhe agora 1.329.

Nestas perdas não se acham computadas as de innumerados indios e varios homens, mulheres e creanças que haviam acompanhado a columna em seu movimento offensivo.

A modesta, mas expressiva ordem do dia baixada a 12 pelo bravo major José Thomaz Gonçalves resume em poucas palavras a extraordinaria epopéa. Eil-a:

«Soldados — Vossa retirada teve logar em boa ordem, no meio das circumstancias as mais difficéis, sem cavallaria, contra um inimigo que empregava uma formidavel, no meio de planicies cujo incendio no macegal perpetuamente acceso ameaçava devorar-vos e disputar-vos o ar respiravel, mortos de fome, dizimados pelo cholera, que em dois dias tirou-vos o vosso commandante, o seu immediato e os vossos guias; e todos esses males, todos esses desastres, os supportastes no meio de um cataclysmo de chuvas torrenciaes, de tormentas, de inundações, emfim, em uma tal desordem da natureza que tudo parecia declarar-se contra nós. Soldados! Sêde honrados pela vossa constancia, que conservou ao Imperio, nossos canhões e nossa bandeira».

### Considerações

A operação descripta, conhecida pelo nome de — Retirada da Laguna — depois que assim a baptizou o elegante escriptor e intrepido soldado visconde de Taunay, se é certo que sob o aspecto puramente militar poucos ensinamentos encerra, é tambem certo que sob o ponto de

(\*) N. da R. — A carta n. 1 que acompanha esta phase das operações será publicada no proximo numero.

vista moral representa um manancial inexgotável de conforto para aquelles que sempre crêram no valor extraordinario do soldado brasileiro.

A firmeza inabalavel da officialidade, magicamente transmittida a toda a tropa, a despeito da série interminavel de tropeços, ora creados pelo adversario sagaz e impenitente, ora pela propria natureza rude das zonas percorridas, constitue por si só um padrão de glorias immarcescíveis para o punhado de bravos que tão dignamente souberam inscrever seus nomes venerandos nas paginas da historia do seu paiz.

Mas não foi só isso. Sob o ponto de vista militar, máo grado o atrazo relativo daquellas épocas, nós vemos do lado brasileiro a pericia com que o coronel Camisão amparava os golpes repetidos do adversario, sem deixar que sua tropa perdesse a cohesão necessaria nem se deixasse scindir como tão habilmente sempre tentára o adversario.

O proprio ataque final ao acampamento paraguayo, antes de iniciar a retirada, verdadeiro mascaramento da operação projectada, constitue uma outra prova cabal do tino militar do bravo commandante brasileiro, que dessa fórma pôde, mantendo o moral de sua tropa, oriental-a com segurança na marcha retrograda sem que o adversario a apanhasse no momento crítico da operação. Marchando frequentemente em quadrado, formação que se impunha para a defesa efficiente da columna contra as investidas persistentes da cavallaria inimiga durante o movimento, o coronel Camisão se revelou na altura da delicada operação que lhe coube realisar, graças ao que não pôde o adversario conseguir seus intentos.

Quanto aos paraguayos, manda a justiça que se diga que, apezar de não disporem elles do necessario effectivo para uma perseguição efficiente, adoptaram o processo que se impunha, realisando a perseguição irregular, ora sobre os flancos, ora á frente da columna, procurando consumir-lhe as energias na intranquillidade permanente em que marchava através de regiões já por si accidentadas.

Se não conseguiram seu objectivo, o desbaratamento da columna, para depois aniquilal-a, não foi de certo por falta de persistencia nas investidas nem descuido na frequencia audaciosa dos processos da pequena guerra. Foi apenas porque tiveram de lutar contra soldados em cujos corações já mais arrefecêra o fogo ardente do patriotismo.

### Expulsão dos invasores

Nomeado presidente de Matto Grosso, o Dr. J. V. Couto de Magalhães preocupou-se desde logo com a expulsão dos paraguayos do territorio da provincia.

A primeira providencia para isso consistiria na organização dos elementos necesarios, tendo em vista a retomada successiva de Corumbá, Albuquerque e Coimbra, occupados pelo adversario desde Janeiro de 1865.

O primeiro desses pontos estava guarnecido por 400 paraguayos, dispondo de 6 canhões, a cidade tendo sido circumdatá por uma linha de trincheiras e achando-se no porto os vapores «Iporan», «Anhambahy» e «Apa».

Para ataca-lo, organisou elle uma columna, formada pelo 1.º e 2.º batalhões, respectivamente commandados pelos majores Antonio Maria Coelho, commissionado em tenente-coronel, e Antonio José da Costa, declarando, para estimular o moral da tropa, que a essa columna caberia a honra de retomar Corumbá, o que foi bastante para que os officiaes disputassem os commandos das companhias. O então capitão de artilharia em commissão João de Oliveira Mello, os capitães Luiz da Cunha Cruz, Craveiro de Sá e outros officiaes foram incorporados á expedição, tal o entusiasmo despertado.

Organisou egualmente uma esquadilha, cujo commando confiou ao capitão-tenente Balduino José Ferreira de Aguiar, composta dos pequenos vapores «Antonio João», «Jaurú», «Corumbá», «Paraná» e «Cuyabá», armados ao todo com 14 canhões, varias lanchas e o vaporzinho «Manoel de Jesus», essa esquadilha podendo transportar 1.200 homens, além do parque de artilharia.

Cuidando ainda da questão de viveres e munição, o presidente organisou um deposito de viveres e conseguiu 600.000 cartuchos de infantaria.

Todas essas providencias foram activadas depois de chegar a noticia de que o coronel Camisão passára o rio Apa, occupára o forte de Bella Vista e tencionava avançar para Conceição, noticia transmittida pelo proprio coronel e que chegára a 12 de Maio.

O presidente ordenou que a 15 o 1.º batalhão seguisse para Dourados, onde aguardaria as outras tropas que com elle deveriam constituir a columna de ataque a Corumbá, e elle proprio, acompanhado de varios voluntarios, embarcou com o batalhão, depois de lêr perante o povo uma entusiastica proclamação.

Assim foi que em fins de Maio reunia-se em Dourados um contingente de 2.000 infantes, com 17 canhões, e os 5 vapores de que já falamos, com seus 14 canhões, sendo que estes não se poderiam aventurar a descer o rio por não poderem enfrentar os tres vapores inimigos ancorados em Corumbá.

Iniciando-se, porém, as operações, o tenente-coronel Antonio Maria Coelho, á frente de 1.000 homens, desceu o rio, e desembarcou, sem que o adversario o descobrisse, a pouco mais de uma legua aquem da villa, contornando a posição e conseguindo assim suprehender o adversario, assaltando as trincheiras por varios pontos a sudoeste, ao mesmo tempo que o capitão Oliveira Mello, á frente de uns 200 homens, conseguia penetrar na villa, attingindo o porto, de onde atacou violentamente os vapores «Rio Apa» e «Anhambahy», que, reagindo energicamente a principio, acabaram por fugir.

Após 2 horas de accessa luta, o commandante Coelho apossou-se da praça, tendo sido mortos o coronel paraguayo Hermogenes Cabral, o major commandante do batalhão 27.º, o commandante do «Rio Apa», o seu immediato, 2 tenentes, 3 alferes, 1 padre e 115 soldados, ficando prisioneiros 27 paraguayos, entre os quaes 1 official de marinha ferido. Muitos outros paraguayos foram ainda mortos quando, atirando-se ao rio, procuraram refugiar-se nos navios.

Os brasileiros ainda apprehenderam a bandeira do batalhão 27.º, a da praça, 6 canhões, grande quantidade de armamento e munição e o archivo do commando da praça, libertando 500 brasileiros, entre os quaes 400 mulheres que sustentavam os maiores horrores e desacatos dos barbaros paraguayos.

Os brasileiros tiveram 8 mortos, entre os quaes o capitão Luiz da Cunha Cruz e o 2.º cadete-sargento Manoel Antonio de Pinho, e 21 feridos, entre os quaes o alferes Felipe Fernandes Cuyabano.

A noticia desse brilhante feito, entusiasmou o presidente Couto de Magalhães, que seguiu logo de Dourados para Corumbá, levando 1.000 homens, a artilharia e a flotilha, despertando-lhe a idéa de ir atacar o forte de Coimbra, para onde haviam fugido os navios «Rio Apa» e «Anhambahy», e affagando ainda a esperança de ir juntar-se á columna do coronel Camisão, que imaginava perto de Conceição.

Entretanto, encontrou no archivo do coronel Hermogenes um officio do vice-presidente do Paraguay informando que a columna do coronel Camisão tinha sido rechassada e batia em retirada sob a pressão energica do major Urbietta e que brevemente enviaria alguns navios com reforços para Corumbá.

A' vista disso, considerando ainda a impossibilidade de, sem esquadra capaz, conservar a posse de Corumbá, mórmente já tendo apparecido a epidemia de bexiga na tropa, resolveu regressar para Cuyabá, levando consigo toda a guarnição brasileira, bem como os libertados do jugo paraguayoy, o que foi feito a 24 de Junho, as tropas marchando parte embarcada e parte por terra, margeando o rio, procurando alcançar o S. Lourenço.

### Combate do Alegre

A 11 de Julho, a retaguarda da columna retirante de Corumbá, composta do 1.º e 2.º batalhões, estacionára em frente á fazenda do Alegre para carnear.

Os vapores «Antonio João», «Corumbá» e «Jaurú» haviam descido a 10 de Bananal para darem reboque ás tropas que haviam attingido Sára e a 11 o primeiro e o ultimo chegaram ao Alegre, trazendo um 4 embarcações com tropas e outro 2 chatas com 80 variolosos. O «Corumbá», em consequencia de um desarranjando nas machinas, não pudéra chegar a Sára, ficando em caminho.

Quando quasi todos se achavam mais ou menos desprevenidos, por volta das 3 1/2 horas da tarde, as atenções foram despertadas por um grande vapor que subia o rio acompanhado de dois outros.

Era o «Salto de Guayra», acompanhado pelo «Rio Apa» e pelo «Iporan».

Alcançando rapidamente a posição occupada pelos brasileiros, o «Salto de Guayra» interpoz-se entre o «Jaurú» e o «Antonio João», rompendo o bombardeio contra as forças de terra, e contra o «Antonio João», ao mesmo tempo que ordenava a abordagem do «Jaurú».

O commandante Balduino, logo ao avistar o vapor inimigo, mandou tocar reunir e embarcou um contingente de infantaria, composto de 58 praças do 1.º batalhão e tendo como officiaes o capitão Calliope Monteiro de Mello, al-

feres José Luiz Moreira Serra, João Luiz Pereira e Joaquim Ferreira da Cunha Barbosa, que promptamente haviam acudido ao appello.

Graças a isso, o «Antonio João» rompeu vivissimo fogo contra o vapor paraguayoy que já se havia apossado do «Jaurú» e fel-o com tal bravura que o inimigo, depois de graves perdas, desceu o rio, levando mortalmente ferido o commandante Romualdo Nunes e o seu immediato.

Aproveitando-se disso, a guarnição do «Antonio João» abordou o «Jaurú», expulsando a guarnição paraguayoy, que nem tempo tinha tido para içar sua bandeira e utilizar a artilharia do navio.

A guarnição paraguayoy que se havia apossado do «Jaurú» compunha-se de 1 official e 23 marinheiros, sendo aquelle, tenente Miguel Decend de Doncel, aprisionado, bem como dois marinheiros, os demais sendo mortos.

O «Antonio João» teve 12 homens fóra de combate, sendo feridos o alferes João Luiz Pereira, 5 soldados e 1 marinheiro.

As perdas brasileiras, incluídas as do «Jaurú», foram de 17 mortos e 8 feridos.

Depois do combate, o commandante Balduino mandou rebocar o «Jaurú», mas este se achava em tal estado que foi preciso deixal-o sosso-brar além do rio Negro, depois de recolhido o seu armamento.

Em 17 de Setembro de 1867, a expedição chegou, finalmente, a Cuyabá, os paraguayos conservando-se no forte de Coimbra, enquanto seus navios cruzavam no rio Paraguay até que o dictador Lopez determinou o recolhimento geral das forças ao territorio paraguayoy.

Como homenagem aos heroes modestos, devemos mencionar o seguinte: Quando o «Salto de Guayra» atacou o «Jaurú», a maior parte da guarnição deste navio o abandonou, saltando ao rio. Entretanto, o fiel de 2ª classe José Antonio Vieira de Araujo, resistindo heroicamente, matou 3 paraguayos, sendo na lucta precipitado ao rio, mas conseguindo salvar-se, apesar de muito ferido; e morreram ainda denodadamente na reacção o marinheiro Francisco Correia, o cosinheiro Jerolano Buperni e 1 soldado do 5.º de artilharia cujo nome ignoramos.

### Considerações

A brutal aggressão soffrida pela então provincia de Matto Grosso veio demonstrar a imperiosa necessidade de uma via de comunicação interior entre a longinqua provincia e a capital do paiz, necessidade de que o governo da monarchia não cogitára e o da republica parece não cogitar em relação ao hoje Estado do Amazonas.

Ordenando a invasão daquelle recanto brasileiro, o dictador Solano Lopez naturalmente teve em vista apossar-se dos recursos alli existentes e que lhe seriam de real utilidade, ao mesmo tempo que para alli attrahiria tropas brasileiras, desse modo podendo mais livremente operar no Rio Grande do Sul.

Foi uma operação intelligente e para o exito da qual o adversario não medio sacrificios.

Foram, porém, infelizes os invasores, que certamente não contaram com a intrepidez do defensor do sólo, claramente definida desde a extraordinaria resistencia do pequeno forte de

Coimbra, e que mais uma vez veio provar o quanto póde a força moral de um povo conscio de seus direitos e disposto a fazer pagar caro a honra do seu paiz.

O ataque a Corumbá e o combate do Alegre, as duas ultimas etapas da expulsão paraguaya do territorio matto-grossense, não deixaram ensinamentos preciosos de ordem mi-

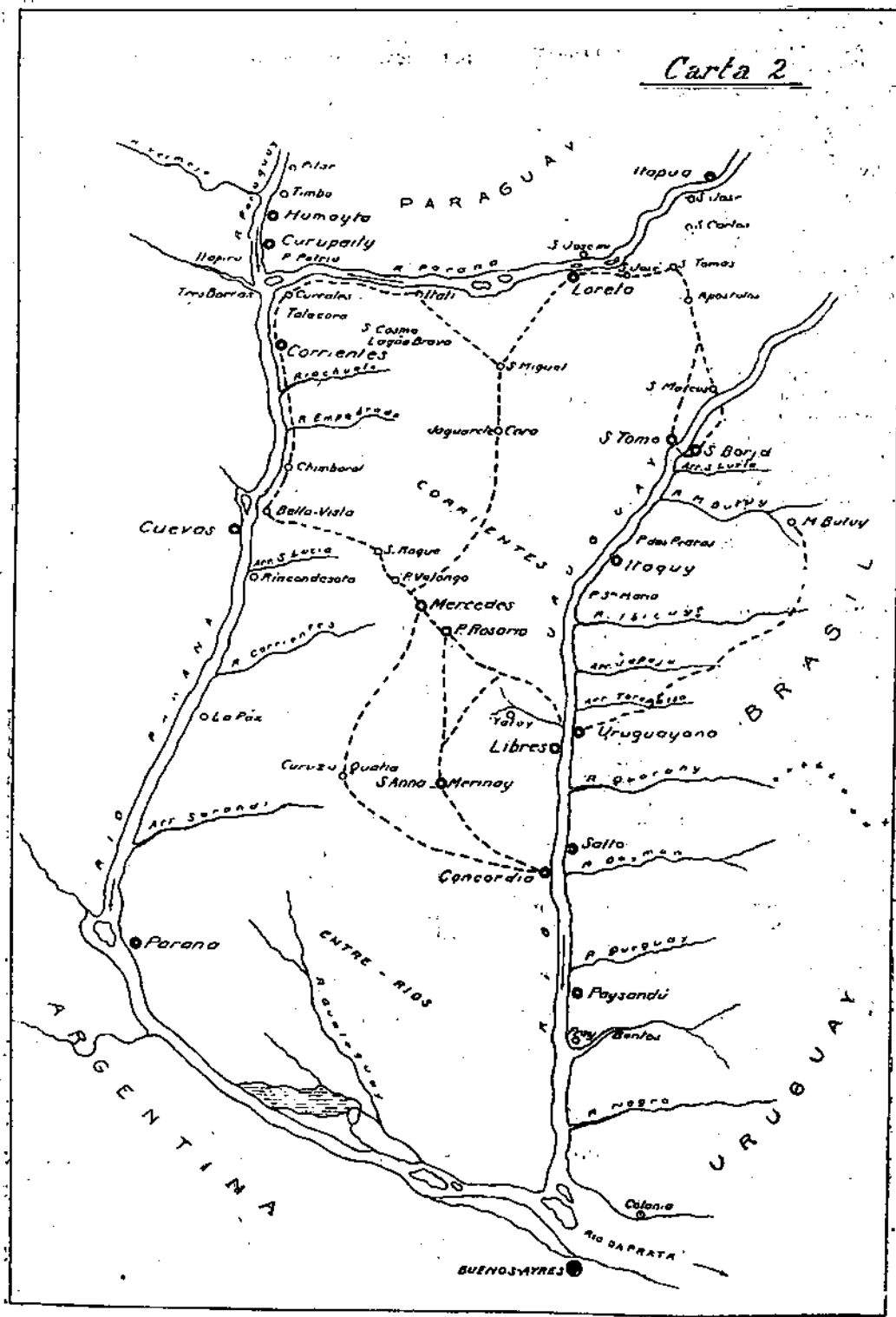
litar, mas reforçaram nossa crença no valor da vontade quando a dirige um são patriotismo.

Capitulo III

Invasão de Corrientes

Carta n.º 2

A 14 de Abril de 1865, cinco vapores paraguayos, entre os quaes o «Marquez de Olinda»,



brasileiro, que havia sido aprisionado, como dissemos a principio, aportaram á cidade argentina de Corrientes, commandados pelo mesmo chefe Mesa da invasão de Matto Grosso e transportando tropas de desembarque.

Logo de chegada, aprisionaram de surpresa os navios de guerra argentinos «Gualeguay» e «25 de Mayo», que alli se achavam na defesa da cidade.

A população, apavorada deante disso, fugio em todas as direcções, após haver soffrido as mais atrozes violencias do cruel invasor.

Como unico protesto possível no momento, alguns marinheiros do «Gualeguay», que haviam escapado milagrosamente, muniram-se de 1 canhão e hostilizaram de terra o invasor, matando-lhe 1 official e 10 praças, mas essa reacção foi curta. Dentro de pouco tempo tiveram os defensores de abandonar a posição, fugindo egualmente.

Na mesma occasião apresentava-se deante de Bella Vista, ainda na provincia de Corrientes, uma columna paraguaya de 5.000 homens, columna que pouco depois retrocedia por não ter conseguido a adhesão que esperava dos corrientinos.

Semelhantes violencias constituiram o cartel de desafio que Solano Lopez atirava á Republica Argentina, e esta não poderia deixar de aceitar-o.

### Situação em Buenos Ayres

O presidente Bartholomeu Mitre, declarando embora ao nosso representante que nutria grande sympathia pelo caso do Brasil, não havia accedido até então a alliança que Paranhos da Silva procurara conseguir da Republica Argentina; mas, deante dos acontecimentos de Corrientes, tratou logo de mudar de politica.

O proprio povo de Buenos Ayres, justamente offendido com a invasão paraguaya, promoveu em protestos, exigindo a presença do general Mitre á janella do palacio para explicar o caso.

Respondendo aos reclamos do povo, pronunciou o presidente argentino um eloquente discurso, cujas ultimas palavras foram as seguintes: «Depois da provocação lançada, senhores, nosso governo não vos pôde dizer outra coisa senão que — estaremos dentro de 24 horas nos quartéis, dentro de 15 dias em campanha e em 3 mezes em Assumpção!».

Pouco depois, a 1 de Maio de 1865, era assignado o celebre tratado da Triplice Alliança entre o Brasil, a Argentina e o Uruguay, iniciando os tres paizes os seus preparativos bellicos para enfrentarem a Republica do Paraguay.

### Situação em Corrientes

Emquanto a politica dos alliados discutia a questão da guerra, o dictador Lopez reunia na provincia de Corrientes 20.000 homens e 30 bocas de fogo, sob o commando do general Robles, formando assim um corpo de exercito, cujos elementos pouco depois passaram a ser — 30.000 homens e 60 bocas de fogo.

Declarára ainda Corrientes estado livre e nomeára um governo provisório, composto pelos tres cidadãos — Cáceres, Silverio e Graúna.

### Considerações

A invasão de Corrientes foi uma operação racional, pois que do seu successo resultaria a realisação de dois objectivos importantes, um de ordem politica e outro de ordem militar.

O primeiro era a adhesão possível dos corrientinos, o que reforçaria sobremodo o poder do invasor; o segundo era a localisação de uma base de operações em um ponto magnificamente collocado e que iria facilitar as operações offensivas contra o Brasil e contra a Argentina, dificultando a estes as operações fluvias rumo do Paraguay.

Quanto ao Brasil, teve elle a oportunidade de verificar que o governo do general Mitre só lhe volveu as vistas sympathicas depois que o seu paiz experimentou as amarguras que lhe foram trazidas pelos paraguayos.

### Preliminares da invasão do Rio Grande do Sul

Fazia parte dos planos do dictador Lopez a invasão do Rio Grande do Sul, e para isso ordenára elle a concentração de 12.000 homens, sob o commando do coronel Estigarribia, em São Carlos, forças que pouco depois transpunham o rio Paraná em Itapúa.

Como providencia complementar e querendo ainda obter as vantagens de uma offensiva dupla e simultanea, ordenou que o general Robles, então com suas tropas estacionadas entre a cidade de Corrientes e o Empedrado, atacasse os adversarios que encontrasse na provincia e invadisse Entre-Rios.

Cumprindo as ordens recebidas, o general Robles avançou a 11 de Maio para Bella Vista, deixando em Corrientes, para a defesa da cidade, um contingente de 2.000 homens, disposto de 3 canhões e sob o commando de um official de nome Martinez.

Descobrindo esse movimento do general Robles, o general Paunero, que havia sido destacado para Bella Vista com o objectivo de observar o adversario, combinou com o chefe de esquadra Barroso, da nossa vanguarda naval, de accôrdo ainda com o general argentino Cáceres e o governador Lagrãña, um ataque á cidade de Corrientes, base de operações do adversario.

Com tal objectivo, embarcou Paunero em Rincon de Soto os 1.200 infantes de que dispunha, excellentes soldados, quasi todos europeus, o chefe Barroso seguindo em protecção á expedição e tendo a bordo de seus navios 1 brigada de infantaria e 2 canhões de campanha.

(Continúa)

Nilo Val.

Aos nossos assignantes que se acham em atrazo no pagamento das assignaturas pedimos venia para ponderar que a revista só poderá «viver» se lhe não faltar a «alimentação».